TRIGUEIRINHO

A Morte sem Medo e sem Culpa

JARDIN EDITORA

Edição revisada

A Morte sem Medo e sem Culpa

Trigueirinho

A Morte sem Medo e sem Culpa

2024

IRDIN

Copyright © 1988 José Trigueirinho Netto

Edição revisada

Texto de acordo com as novas regras ortográficas
da língua portuguesa.

Os recursos gerados pelos direitos autorais de todos os livros de Trigueirinho são revertidos na manutenção da Fraternidade – Federação Humanitária Internacional e suas afiliadas.

Capa, revisão e diagramação:
Equipe de voluntários da Associação Irdin Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Trigueirinho Netto, José

A morte sem medo e sem culpa / Trigueirinho. – Carmo da Cachoeira : Irdin, 2024.

139p.

Publicado originalmente: São Paulo : Pensamento, 1988

ISBN 978-65-88468-62-3

1. Morte - aspectos espirituais. 2. Vida eterna. 3. Ciências ocultas. 4. Esoterismo. I. Título.

CDD: 133

Direitos reservados

ASSOCIAÇÃO IRDIN EDITORA
Cx. Postal 2, Carmo da Cachoeira – MG, Brasil | CEP 37225-000
Tel.: +55 (35) 3225-2616

www.irdin.org.br

Esta edição foi impressa em fevereiro de 2024,
na *Artes Gráficas Formato Ltda.*,
em sistema offset, papel 90 g.
IMPRESSO NO BRASIL

SUMÁRIO

Apresentação 7

Primeira Parte
Um processo

O cão e o livro 13
Em Monte Santo 15
Percepções durante a noite 21
Três de janeiro, quatro horas da tarde 25

Segunda Parte
A restituição

Dando a César o que é de César 33
A Deus o que é de Deus 45
A liberdade concedida pelo fogo 49
Vida, hoje e sempre 61
Os dois tipos de coma 71
A luz em cada célula 77

Terceira Parte
A eliminação

Inicia-se a viagem 85
Rumo à meta interior 97
As normas gerais 105

Quarta Parte
Mais luz sobre o processo

Dúvidas esclarecidas 115
Fora da prisão 123

Glossário 131

APRESENTAÇÃO

Amamos tanto as estrelas que
não temos medo da noite.
(Escrito sobre as lápides de dois
astrônomos amadores)

A palavra morte, em sua conotação normal, é inadequada para exprimir o que realmente acontece durante o processo de transição vivido pela alma[1] ao passar dos níveis de consciência físico, emocional e mental para outros mais sutis. Está para nós geralmente ligada a algo que termina, quando, na realidade, conforme as leis naturais e espirituais da vida, tudo se transforma e nada é definitivo: o eu interior, imortal, continua sua existência, quaisquer que tenham sido as condições em que ocorreu a referida transição. Além de morte, outros termos, tais como culpa, pecado, acaso, estão incluídos nessa categoria de palavras que continuam sendo usadas de maneira obsoleta, própria de estados de consciência anteriores ao que temos hoje possibilidade de conhecer.

[1] **Alma**: vide glossário.

Levando em conta a necessidade de urgente atualização de tais conceitos, este livro foi escrito para ajudar-nos a transcender o medo e a inconsciência, e a entrar em uma etapa de conhecimento compatível com a evolução da Terra e com as energias que atualmente trabalham no seu desenvolvimento.

O que ainda chamamos morte é um processo que transcorre em várias fases e que se manifesta no decorrer de toda a vida de um indivíduo. Na verdade, ele "morre" a cada momento à medida que deixa certas etapas para entrar em outras. Esse renascimento contínuo pode ocorrer, por exemplo, em seus estados de ânimo e em maneiras de compreender a realidade. Sabemos também que um corpo físico não é mais o mesmo de sete anos atrás, pois as suas células foram renovadas durante esse período. Essa renovação também se dá com as células sutis, não detectadas pela tecnologia comum, células essas que compõem os corpos emocional e mental do ser humano.

Quando a alma se retira dos seus corpos temporários[2], passa por um processo que é um ponto de partida para novas experiências, e cujas etapas tentaremos esclarecer neste livro. Em primeiro lugar, restitui ao reservatório planetário geral as substâncias do corpo físico que ocupou durante o período em que esteve vivendo sobre a Terra. Em seguida, passa por uma fase em que enfoca sua consciência nos níveis internos e supramentais de seu ser, cuidando de desprender-se o mais possível da matéria que constitui os seus corpos etérico[3], emocional e men-

[2] **Corpos temporários:** vide glossário.

[3] **Corpo etérico:** vide glossário.

tal. Numa terceira fase, a alma já está liberada da influência direta de algumas características psíquicas terrenas e pode então fundir-se em núcleos ainda mais profundos. Retorna, pois, à consciência da Totalidade, de onde partiu quando veio à encarnação.

É necessário que a atitude humana diante desse processo passe por uma mudança profunda. Assim, nossa relação com a morte e com a vida se dará num nível de compreensão bem mais amplo e real; e com naturalidade assistiremos partirem, para outros planos de existência, os que concluíram seu ciclo de evolução em níveis psicológicos ou formais da Terra. Como todos vamos passar por essa experiência um dia, é útil refletirmos sobre ela. Podemos, desse modo, preparar-nos colaborando inteligentemente com as leis espirituais e ajudando a modificar a visão atualmente anuviada que, a esse respeito, o mundo emocional e mental coletivo[4] proporciona ao homem.

O presente livro, que pretende contribuir com esclarecimentos nesse sentido, não trata de fenômenos psíquicos. Foram utilizadas, para estruturar o seu texto, passagens da experiência de um indivíduo aqui chamado Coaraci, cuja história, porém, não é apenas mais uma biografia espiritualizada, mas símbolo do que pode acontecer a cada um de nós. Os fatos narrados neste texto se passaram em locais que existem no plano físico, e ao descrevê-los tomamos o cuidado para que não fossem reconhecidos, a fim de não atrair visitas turísticas, pois, para benefício geral, seria bom que se mantivesse o clima magnético favorável que lhes é peculiar.

---

[4] **Emocional e mental coletivo:** vide glossário.

A Paineira e Jambo também viveram na superfície da Terra, mas alguns detalhes de seus processos foram preservados por trás de um véu, ao adaptarmos suas histórias. Com isso tivemos a intenção de evitar que se tornassem alvo de formas-pensamento no plano mental. O material aqui exposto é suficiente para que o leitor faça suas próprias reflexões e síntese, após ter tomado contato com a suave vibração desses personagens. Permite, portanto, que se desenvolvam criativamente estudos mais profundos na intimidade de cada um de nós.

TRIGUEIRINHO

Primeira Parte

Um processo

A tensão espiritual destes dias
não está só nas dimensões
do mundo sutil, mas já se está
aproximando do mundo ardente.
Não o medo, mas a majestade deve
preencher o coração dos que
a esses mundos se encaminham.

Morya

O cão e o livro

No meio de uma noite, durante um momento de reflexão, percebi que um cão ladrava. Ladrava, porém, dentro de mim. Esse cão – que, todavia, não era bem isso, mas sim uma espécie de voz, não humana, como se fosse a energia que inspira a ação de servir sem visar resultados – era um cão do tipo desses que servem de guia, mas um cão invisível. Quando *aquilo* "falava", as ondas externas, que poderiam impedir-me de fazer um trabalho altruísta, afastavam-se.

Foi naquele momento, durante a noite, que me dei conta das energias que me acompanhavam. O "cão" continuava a ladrar – e era bom ouvi-lo – e pus-me a observar onde, dentro de mim, manifestava-se aquele "som" que não era audível. Não havia um ponto definido, embora a "voz" estivesse, com toda a certeza, localizada acima do diafragma, na parte superior do corpo. Irradiava sua energia por todo o peito, garganta e cabeça. Não eram os ouvidos externos que escutavam – havia outro tipo de audição. Percebi que dali vinha muito amor, e agradeci.

Passados três anos e meio começou a surgir em minha mente este livro que, estando já pronto em algum nível da consciência, passou a "falar comigo durante a noite". Fal-

tava apenas colocá-lo no papel, que foi o que passei a fazer. O "cão" e sua "voz" eram a energia que esperava por mim, que aguardava minha disponibilidade para começar este trabalho. Como naquela ocasião havia muitos afazeres considerados prioritários, não o iniciei. No entanto, o "cão" continuou a ladrar, insistindo e, como tudo acontece a seu tempo, aqui estou, cumprindo o que foi proposto.

Sim, o livro estava pronto nos níveis sutis mesmo antes de ser inteiramente percebido por minha mente e posto em palavras no papel. Havia partes dele que ainda eram misteriosas para mim e que só se revelaram à medida que o fui recriando e escrevendo.

No início não o conhecia todo, pois muitas de suas passagens não haviam chegado ainda ao meu eu consciente. Algumas, por exemplo as que narrarei a seguir, vieram-me claramente só há pouco tempo, por meio de fatos que chamarei de "surpreendentes". Para mim, um fato surpreendente é aquele que se apresenta sob leis internas, espirituais, não cronológicas. Não é mental. Surpreendente, por exemplo, é a atmosfera que circundou a vida de um jovem que desencarnou[1], mas que certamente não morreu.

Vejamos como ocorreu isso.

[1] **Desencarnar:** vide glossário.

Em Monte Santo

Através dos séculos, algumas pessoas foram tomando posse de grandes extensões de terra em determinada área do país e aos poucos registraram suas fazendas nos cartórios. Cercaram-nas, depois, com mourões e arames farpados, e Monte Santo ficou no centro de várias propriedades delimitadas. Feitas as escrituras, oficializados os terrenos em volta, legitimados seus donos, aquele local continuou a ser de ninguém.

Uma floresta vivia ali e o local permaneceu até certo ponto preservado de devastações. Animais, aves, microrganismos e plantas cresciam tranquilos. As águas corriam lentamente, cantando ruídos tão conhecidos. Monte Santo era assim, sem ser de ninguém.

Um dia, foi descoberto pelo pai de um jovem chamado Coaraci. Feliz com o achado, e ainda sem apossar-se dele, entregou-o ao filho, que passou a frequentá-lo para recolher-se dos barulhos do mundo. Ali, a alma daquele jovem entrava em contato com outra realidade e ouvia a sonoridade de Monte Santo. E havia sons que só ele captava.

Assim, Coaraci encontrou o lugar ideal para viver pacificamente; porém, quando essa situação parecia estável, e

pensaram que ele estivesse feliz para sempre, desencarnou em um acidente de automóvel. Monte Santo continua agora entregue às forças construtoras da Natureza. Ao mesmo tempo que ocupa um espaço na Terra, representa o arquétipo dos espaços sem dono que existem nos níveis superiores da consciência do planeta. Monte Santo, terra sem dono, por existir no plano físico, demonstra ser possível a perfeita união da realidade sutil com a matéria densa.

* * *

Nos últimos dias de certo mês de dezembro, eu falava a dois amigos que deveria escrever um livro sobre a morte-vida. Nele seria explicado que não existe morte e que há uma só vida, em vários estágios e níveis de consciência: alguns em que estamos encarnados em corpos densos e vivemos sobre a crosta terrestre; e outros em que estamos desencarnados e vivemos em níveis suprafísicos[2]. Esse livro diria que a vida, sendo sempre a mesma, muda continuamente, expressando-se por meio de diferentes formas.

Enquanto conversávamos sobre isso, um dos presentes pôs-se a falar da existência de Monte Santo. Imediatamente abri a agenda e escolhi o dia três de janeiro para irmos visitar o local. O amigo disse-me em seguida que três de janeiro era a data do nascimento de Coaraci, e narrou-me sua história e o acidente que o levou rapidamente a deixar o corpo físico. Percebi naquele momento que os elementos básicos do livro sobre a morte-vida estavam ali colocados e, novamente, "ouvi" o "cão" ladrar dentro de mim. Sim, ali estava a estrutura do livro e havia mesmo

[2] **Níveis suprafísicos**: vide glossário.

chegado a hora de começar a escrevê-lo. Não seria um trabalho teórico e técnico sobre filosofia e sobre a morte, mas uma apresentação clara e prática dos fatos concretos dessa transição, para que os leitores, conhecendo-os, pudessem dela perder o medo.

Alguns livros servem para antecipar situações que viveremos no futuro, ou estados de consciência que ainda se tornarão reais para nós. São benéficos porque nos preparam para eles. Ao encontrarmos certa vibração durante a leitura, podemos ter indicações de reflexões a ser desenvolvidas dentro de nós mesmos, no silêncio da hora de estudo individual e profundo. Um livro desse tipo é uma estimulação à verdadeira descoberta: aquela que brota do interior do próprio indivíduo, transformando-o.

Quando pela primeira vez o "cão" me indicou que este seria um livro assim, minha mente começou a colocar objeções ao trabalho. Achava que todos os meus defeitos eram obstáculos para que pudesse escrever tal livro, e eu pedia a Deus que os dissolvesse. Como se fora uma resposta, a "voz" sem som "disse" então dentro de mim: "Prossiga. O que sua mente considera defeitos não tem importância. O que importa é fazer o trabalho. Prossiga". Percebi, finalmente, que por trás daquela dúvida havia um sentimento de orgulho disfarçado de falsa modéstia. Desse dia em diante, pude compreender melhor as pessoas que apresentam esse tipo de atitude, e conviver melhor com elas.

* * *

O eu superior, ou a alma, dá as possibilidades para uma mudança de ritmo da vida, mas o eu consciente cria necessidades imaginárias, por exemplo, essa de eu ter de

tornar-me escritor para, só depois, escrever o livro que estava sendo indicado. Assim se passaram três anos e meio, e a "voz", sempre paciente, ressoava: "Falo com você sem palavras. Agora você deve pôr em palavras o que eu disser".

Ouvir o que não são palavras era um estado de consciência do qual eu não queria mais afastar-me. Nessa ocasião, outro condicionamento veio à superfície: a minha mente achou que tinha de escrever literalmente o que me era transmitido por aquela "voz" sem som. Pouco depois, nos níveis internos, uma mão imaterial, contraparte etérica[3] de minha mão física, tomou de uma caneta para anotar a experiência, porque a mente achava que poderia esquecer-se dela. Naquele nível sutil onde minha mão tentava escrever, vi que faltou tinta na caneta, como se algo invisível e imperceptível que tudo guiava não quisesse que ela se ocupasse com rigor do que ocorria dentro de mim.

Incrédula, a mente continuou empurrando a mão, decidida mesmo a anotar. Depois, desistiu. Porém, devo partilhar que, enquanto a mente insistia, a "voz" silenciara completamente. O que me veio à consciência, nos momentos em que estava ligado àquela experiência singular, é que existe uma misericórdia sem fim: calando-se diante da desobediência da mão e da mente, a "voz" continuava existindo, permanecia viva, embora eu não a percebesse como antes.

Não tenho ideia da extensão dessa misericórdia, mas sei que está sempre presente e que tudo supre. Mesmo que a "voz" nunca mais se faça ouvir, sei que jamais me sen-

[3] **Contraparte etérica:** vide glossário.

tirei distante do Infinito. Eu sou essa "voz", e essa "voz" sou eu mesmo. Deus-Eu-Nós, um só. Não importa o fato de percebê-la, ou não, falando comigo, pois a meta é não haver quem fala e quem escuta, mas estar consciente de que há uma só unidade.

Este livro só poderia ser escrito quando essa realidade se tornasse completamente clara para mim. Eis por que três anos e meio se passaram antes que ele pudesse ser concretizado.

Percepções durante a noite

A quietude noturna costuma trazer-me ensinamentos, e tenho percebido que grande parte do que, nesses momentos, vem-me ao consciente é útil para minha própria aprendizagem em benefício do Todo. Geralmente não são ensinamentos para serem partilhados com outras pessoas. Com o tempo, é possível que o relato dessas experiências sirva para estimular e ajudar alguém, mas por enquanto elas têm vindo principalmente para maior ampliação no interior do meu próprio ser.

Observando a quem podemos dirigir um ensinamento, vamos aprendendo o que é a partilha de experiências, em seu sentido profundo, espiritual. Na verdade, ao partilhá-las, não precisamos dizer tudo o que vivenciamos. Há realidades que ficam só entre nós e o Deus[4] interno. E há ainda outras que ficam apenas com Deus e nem mesmo se tornam conscientes para nós.

Essas horas preciosas, noturnas, não as sinto passar: perderam para mim o sentido normal do tempo. Às vezes olho o relógio e é uma hora da manhã; pouco depois volto

[4] **Deus:** vide glossário.

a olhá-lo, e são cinco. Para compreender a morte-vida é necessário reconhecer que séculos podem nada representar...

Não podemos, por exemplo, compreender o que ocorre nos últimos momentos da encarnação, momentos em que vemos toda a nossa vida sintetizada em um só quadro, se a aprendizagem de que existem diferentes realidades temporais não foi feita. Durante as noites de sono incompleto temos a oportunidade de perceber a existência de outro tempo, e até de outro espaço. É, portanto, necessário aceitar essas realidades temporais como benéficas nesse sentido.

* * *

Durante algumas noites em claro, vi que acontecimentos percebidos hoje podem pertencer a outros momentos, como a existência de um livro que deverá ser escrito dali a três anos e meio e que, no entanto, já se pode ver pronto em algum nível da realidade. Da mesma maneira, uma palestra pública a ser proferida no próximo ano já existe e pode-se saber como ela é, ou melhor, como "será". Está ali, falta apenas manifestar-se concretamente por intermédio da voz humana e dos gestos físicos. Quando os relógios marcam a hora do evento, este na verdade já está acontecendo há muito tempo.

Gostaria de transmitir tais percepções com sua genuína vibração, sem retórica e com o mínimo de simbolismo, para que não se tornem complicadas. Na realidade, elas são em si tão simples! Além disso, cada ser é único e nunca alguém terá a mesma vivência do outro. Assim, por mais que se explique, por exemplo, o que se passa no momento da transição que costumamos chamar de morte, e por mais que se fale sobre o que acontece nos minutos que a

precedem e sobre o que vem logo depois, sabemos que cada um fará sua própria experiência segundo a vida que teve. E, também, mesmo que tenhamos sido igualmente criados para buscar nossa fonte de criatividade, que é a nossa própria essência, quando por fim a encontramos, temos a impressão de que tal encontro se realiza pela primeira vez no universo, como se fôssemos os únicos a tê-lo vivenciado.

Diante da morte fica-se extasiado. É como se a experiência fosse inteiramente nova, como se já não tivéssemos passado por ela centenas de vezes, ao final de cada encarnação. Eis o que todos podem sentir nos momentos de abandonar o corpo físico: não existem repetições, e cada um de nós é único e o mais querido filho de Deus. Quando entramos no longo corredor, ou túnel, não sabemos aonde ele nos conduz. E teremos de atravessá-lo sozinhos. Ninguém pode acompanhar-nos nessa experiência, ainda que desencarne ao nosso lado, ao mesmo tempo, e até nas mesmas circunstâncias. Cada um precisa viver esse trecho de vida individualmente, sem nada carregar consigo. Conceitos, expectativas, informações, pessoas, posses, tudo fica para trás – nada deste mundo é levado.

Embora fazendo parte de uma única vida, a experiência interior apresenta-se independente de tudo e de todos. Aprendemos isso de modo mais evidente naqueles últimos momentos de encarnação terrestre, quando sentimos uma solidão especial. Entretanto, é possível prepararmo-nos para eles no decorrer da nossa vida humana. Assim fazendo, diante da morte nossa entrega poderá ser total, o que muito facilitará o processo de desligamento do corpo físico e, mais tarde, dos corpos sutis: o etérico, o emocional e o mental. Tal desligamento é que teremos o privilégio de

experimentar, mesmo que nos consideremos hoje impuros e infelizes, pois todo o homem tem o direito de sentir essa liberdade última. Não é um alívio de momentos apenas, como o que se vive durante a interiorização[5], e que se esvai quando ela chega ao fim, mas uma liberdade que se instala na vida sem depender de êxtases e de experiências místicas, pois na morte se está fora do cérebro físico e, portanto, existem muito menos condicionamentos.

Após a saída do túnel, advêm fatos importantes, para depois atingirmos essa completa liberação. Monte Santo, que Coaraci experimentou por uns tempos, foi uma rápida da antecipação da terra sem dono, para onde todos iremos algum dia. É evidente que apenas sozinhos podemos alcançá-la, e basta compreendermos uma verdade tão clara para percebermos que não é o caso de chorar diante dessa transição. Em algumas culturas, usa-se até festejar quando o indivíduo entra pelo túnel da morte-vida, pois isso quer dizer que ele "nascerá" em seguida para aqueles que o esperam do outro lado.

Quem nos espera? O que nos espera? Somos mesmo esperados? Monte Santo nos traz uma chave fundamental para encontrarmos respostas para essas perguntas.

[5] **Interiorização:** vide glossário.

Três de janeiro, quatro horas da tarde

No dia três de janeiro, às quatro horas da tarde, passamos por várias propriedades de homens, para finalmente chegar à terra de ninguém – onde animais, pássaros, rios, plantas e insetos vivem tranquilos e onde as forças da Natureza, em vários níveis de consciência, trabalham continuamente, expressando a morte-vida.

Quando chegamos a Monte Santo, havia muita luz e era uma bela tarde. Atravessando a floresta, chegamos a uma espécie de vale que parecia preparado para receber visitantes silenciosos. Tudo convidava ao recolhimento e, naquela atmosfera preciosa, uma paineira gigantesca enfatizava o Reino Vegetal ali presente. Verticalizada, tinha, porém, a copa pendida pelo peso das flores prestes a desabrochar. Os frutos dessa árvore fornecem as painas que, entre outras aplicações, são usadas para o repouso dos homens, que delas fazem travesseiros. Simbolicamente, isso confirma um convite ao recolhimento, ao repouso mental.

Quando me deparei com aquele belo exemplar, reiterei minha gratidão à presença do Reino Vegetal sobre a

Terra, reino que presta serviços[6] perenemente, sem livre-arbítrio e sempre entregue à vontade do Criador. Pode-se ver isso claro também pelo fato de que as plantas procuram constantemente a luz, na maioria das vezes subindo em direção ao céu. Vivem em eterna glorificação, cuja qualidade superior é evidenciada pela beleza que esse reino manifesta por meio da harmonia de suas flores, formas e cores.

O Reino Vegetal foi, dentre todos, o que mais realizou sobre a Terra a ideia arquetípica. Representado em Monte Santo pela Paineira, é glorioso porque glorifica a Criação. Paradoxalmente, foi dentre os reinos o que mais sofreu destruição. O homem sempre o depredou, tornando-se nos dias de hoje um de seus principais instrumentos de "juízo"[7]. Chamamos aqui de "juízo" a seleção periódica que ocorre em cada espécie, ou mesmo em um reino inteiro, quando termina um ciclo de desenvolvimento. Normalmente uma parte da vida se retira para encarnar em nova forma mais adequada ao progresso já conseguido ou para continuar a expandir-se em algum nível sutil da realidade. Para isso há o processo de seleção. No ato de destruir a forma, ato necessário à Natureza, quase sempre tem sido usado o fogo. Por isso os homens, instrumentos desse "juízo", provocam as queimadas ou cortam árvores gigantescas com serras elétricas. A vida vegetal, assim liberta da forma que lhe servia para manifestar-se, muda de nível de consciência e poderá criar novas espécies, neste planeta ou em outro. Nos planos internos da existência, esse reino será um dos mais criativos, e expressões

[6] **Serviço:** vide glossário.

[7] **Juízo:** vide glossário.

dele ainda mais belas serão conseguidas. Com essa afirmação não queremos sugerir que é bom destruir as matas, mas sim que ações desequilibradas também podem ser utilizadas para o bem, por esse equilíbrio espiritual que sempre prevalece.

Quando olhei a Paineira de Monte Santo, lembrei-me dessas realidades, ou melhor, recapitulei-as. Era como se aquela árvore falasse sobre o que os homens têm feito ao Reino Vegetal, mas, sendo uma planta evoluída, apresentava os fatos como instrumentos de libertação de uma vida que estivera aprisionada na forma.

Sabe-se que certas espécies vegetais, quando evoluem, vão desenvolver-se em lugares cada vez mais civilizados. Há uma região, neste mesmo planeta em que se depredam as plantas, na qual se celebra a "festa das cerejeiras": nessas ocasiões especiais, nenhum fruto é arrancado das árvores, mesmo quando elas se curvam ao seu peso. Lá nunca se veem flores perdidas ou abandonadas pelos caminhos, pois é costume deixá-las nas plantas, cumprindo sua tarefa de adorar o Único. Analogamente, o mesmo pode acontecer com os homens que se destacam, progredindo em ritmo diferente do ritmo da evolução natural. Esse conhecimento vinha até mim ao contemplar a Paineira, tendo-a como catalisador de uma compreensão que, como dádiva, chegava de um nível mais elevado da consciência.

* * *

Quando Monte Santo foi dado a Coaraci, o local era conhecido como Carvoeiro, porque ali se cortavam árvores para fazer carvão. A floresta estava em parte devastada, e

por isso a Paineira tinha todo esse conhecimento assimilado. Há seres humanos que se aperfeiçoam pelo sofrimento e limitações. Assim é, também, com certas plantas.

"Pai", disse um dia Coaraci ao doador da terra de ninguém, "este lugar não pode mais se chamar Carvoeiro. Seu nome é Monte Santo". O pai concordou. Porém, com o passar do tempo, vieram os bois, as vacas e pastaram ali por perto. Parece que alguns foram mortos para que a carne fosse vendida, e Coaraci participou disso, fazendo ali, ele mesmo, um curral para o gado. A paz de Monte Santo começou a ser afetada, e a de Coaraci também. Era como uma dualidade dentro de um pequeno paraíso.

Pouco depois, Coaraci desencarnou. O seu eu superior queria uma vida sem essa espécie de dualismo, uma vida sem compromissos com a destruição. Tinha uma meta e um caminho que não incluíam a participação em negócios que afetassem dessa maneira os reinos da Natureza. Assim sendo, a alma de Coaraci preferiu partir.

* * *

Enquanto permanecia sentado perto da Paineira, foi-me confirmado que uma alma, mesmo tendo data prevista para desencarnar, pode, se quiser, antecipá-la. Já houve casos assim. Quando, com o livre-arbítrio, o homem tende a fazer algo que possa comprometer suas encarnações futuras, o eu superior desencarna por livre e espontânea vontade. Foi o que aconteceu com Coaraci. Não estava para ele previsto entrar completamente na vida comum dos demais indivíduos. Monte Santo era uma oportunidade rara e não um pedaço de terra para ser explorado comercialmente. Assim, sua alma retirou-se, preservando a meta futura.

Nesses casos, pode ocorrer uma circunstância em que a morte aconteça rapidamente, como em um desastre de carro, por exemplo. O eu consciente do indivíduo passa então para o plano interno da vida quase sem perceber. Não há sofrimento, não se prolonga a sensação de se estar perdendo a vida humana: é como um choque elétrico, um adormecimento e, depois, o despertar em outro nível de existência. Muitos, entre os que temem a morte, fazem-no por desconhecer um fato corriqueiro: a maioria passa para outros níveis e vive lá sem perceber de imediato que desencarnou.

Em certas circunstâncias, leva-se algum tempo para compreender o que se passou, tão semelhante é a nova forma de vida, no plano astral, à vida que se levava no plano físico. Ao mudar de nível, o indivíduo encontra a contraparte mais sutil de tudo o que existe na vida material densa, e por isso só lentamente se vai conscientizando da nova realidade. Enquanto essa transição não fica clara, o indivíduo continua convivendo com figuras, ou projeções, criadas por ele mesmo com a própria imaginação. Desse modo, passa por um período repetindo vivências que tinha sobre a Terra, acreditando encontrar-se ainda encarnado.

Há também quem passe de maneira diversa por essa experiência de sair da vida física. Certa vez, uma criatura foi acidentada juntamente com um filho ainda criança; tendo saído do corpo físico, pôde assistir ao acidente e, com seu corpo etérico, foi chamar por socorro a determinada distância. Avisou a alguém que havia, ali perto, uma criança precisando de ajuda. O indivíduo que a "viu" disse não saber se aquilo foi um sonho ou uma aparição. O fato

é que ele, tendo atendido ao chamado, encontrou ambos os corpos: o da mãe, já sem energia vital, e o da criança, ainda com vida.

* * *

Ao ser acidentado, Coaraci viveu o que todos vivem, e aprendeu muito. Mesmo que se trate de acontecimento tão rápido, seus ensinamentos são como os que se recebe em qualquer outro tipo de morte. O processo é quase o mesmo; varia só em detalhes. Como o tempo fora do cérebro físico é percebido de outra maneira, a sequência de fatos internos que se passam quando se está no leito de morte, ou quando se desencarna rapidamente, é a mesma. Para quem acompanha externamente, o ato de morrer desencadeado por uma enfermidade pode parecer mais lento do que num acidente, mas, mesmo havendo tal diferença no nível do tempo mental que conhecemos, a essência da aprendizagem é equivalente.

Vamos, portanto, descrever o que se passou com Coaraci, porém sem levar em conta que aparentemente tudo tenha sido tão rápido. O que vai ser descrito tanto pode acontecer em milésimos de segundos quanto em dias inteiros de agonia. Os fatos variam conforme o caso, como se vai ver, mas não as lições fundamentais que se extraem deles. Aquele que desencarna rapidamente e outro que passa por lenta agonia têm igual oportunidade de serem tocados pela compreensão a respeito da grande ilusão do mundo das formas físicas.

Segunda Parte

A restituição

É quase impossível para as pessoas imaginar que as saídas para o mundo sutil quase não necessitam tempo físico. Podem-se fazer voos mais distantes ao mundo sutil, mas os relógios terrenos os marcarão somente por segundos, a tal ponto a dimensão do mundo sutil difere da do físico.

Morya

Dando a César o que é de César

Depois de passar por várias espécies de vegetais, a vida manifesta-se em uma árvore preciosa como aquela Paineira e, assim, transmite-nos o que plantas mais primárias não nos poderiam transmitir. Na evolução humana, a vida também se desenvolve de encarnação em encarnação, liberando cada vez mais luz até que esta, no homem evoluído, se expresse pelo surgimento de maior capacidade de compreender os fatos e as leis do Universo.

Se os seres humanos tivessem a visão etérica despertada, assistiriam, por ocasião da morte, à grande atividade que se desencadeia nos corpos dos quais a vida se retira, quando os átomos que compõem suas células retornam à fonte de origem. Com isso, grande intensidade de substância-luz é liberada no plano astral para que, com a destruição da forma, profundas transformações possam ocorrer nos níveis psíquicos[1]. Nesse processo, dentro do possível, os apegos do indivíduo e sua ilusão sobre a imutabilidade da matéria são desfeitos. A morte facilita também o seu contato com novas ideias, que lhe trazem outras perspecti-

[1] **Níveis psíquicos:** vide glossário.

vas, porque vêm de um estado de consciência mais elevado do que o mental analítico.

A retirada da energia vital dos corpos materiais é um ritual necessário, pelo qual todos passam. Produz transformações em todos os reinos da Natureza, e eles, com o tempo, apresentam cada vez menor resistência à atuação de novas energias que os aperfeiçoa. A Paineira não tem medo de morrer. Só no Reino Humano e, em parte, no Reino Animal existe esse temor. Os demais reinos não o conhecem e restituem com naturalidade o que pertence ao reservatório geral de partículas do planeta, para que essas partículas formem novos corpos e novas formas de vida, levando consigo as experiências que já fizeram.

Consciências maiores emanam estímulos para que consciências menores se retirem da forma, liberando substâncias que são necessárias para futuras expressões. Abrindo-nos para uma visão mais ampla, tomamos conhecimento de que os sistemas planetários envolvidos nesse processo, quanto mais conscientes forem da vida total, mais se movimentarão de acordo com ela, observando com exata precisão os momentos em que a restituição é necessária. O medo da morte é contrário ao ritmo cósmico e, portanto, precisa ser eliminado. Como se sabe, baseia-se no terror que sentimos pelo processo final de desligamento do corpo físico; no horror pelo desconhecido; na dúvida quanto à imortalidade de nosso ser; na dificuldade de deixar para trás coisas e pessoas queridas; na memória subconsciente de experiências anteriores de mortes dolorosas ou difíceis. Essas causas são conhecidas pela medicina esotérica[2].

[2] **Medicina esotérica:** vide glossário.

Entretanto, a causa principal do medo da morte reside em nosso apego à forma e no pouco contato que temos com a alma e com núcleos mais profundos. O temor básico que o homem, bem como alguns animais, apresenta é de não sobreviver a essa experiência tão necessária. Isso, porém, ainda é assim devido à falta de conhecimentos com relação ao processo de desencarnar.

* * *

De determinado ponto de vista, quando encarnamos, "morremos" para uma vida mais ampla, consciente e livre. Esquecemo-nos pouco a pouco de nossa origem cósmica à medida que passamos a nos identificar com os nossos corpos materiais e com o mundo denso em geral. Isso que, em certo sentido, pode ser considerado morte é, no entanto, nos níveis psicológicos e terrenos, comemorado como nascimento. Quando mais tarde, no final da encarnação, "renascemos" nos níveis sutis, porque voltamos totalmente para lá, aqui se chora a nossa "morte". Invertem-se as realidades, produzindo-se emoções e sensações inoportunas para a transição, tanto de quem vai para o mundo sutil quanto de quem chega para fazer sua aprendizagem nos níveis físico, astral e mental da existência.

Para o núcleo reencarnante do homem, submergir na vida da forma equivale a afastar-se temporariamente da lucidez que possuía; não fosse o serviço que vem prestar na superfície da Terra, não haveria nisso nenhum sentido para a alma já evoluída. Por tal motivo, uma vida sem a ideia altruísta de serviço é árida e destituída de um propósito maior.

* * *

Alguns livros inspirados apresentam-nos a imagem da morte da mesma maneira como o faziam os poetas de outrora: "folhas mortas". Uma folha que cai, e sua consequente identificação com o solo no qual pousou, representa um processo de unificação. Se não caísse, se não "morresse", não chegaria a ser transformada.

Tal processo unificador é levado a termo pela retirada da energia vital dos corpos externos que temporariamente habitou, e então essa energia vital pode integrar-se, com mais liberdade do que antes, a mundos sutis. Em todo caso, a morte chega quando a necessidade de estar no corpo físico desaparece do ser reencarnante. Isso acontece, em parte, porque aquele corpo físico, ou as condições nas quais vive, não correspondem mais ao grau de consciência do ser interno. Não havendo ambiente propício, a vontade de viver em tais condições é substituída por outra: abstrair-se daquele material. Deste ponto de vista, quando chega o momento de o ser reencarnante desligar-se dos seus corpos externos, qualquer apego a eles é uma tendência contrária ao impulso evolutivo, ao passo que a rejeição à matéria, naquele exato instante, integra o eu consciente à meta almejada pelo ser interior. A devolução e a desintegração desses corpos externos ao reservatório geral de partículas do planeta fazem parte da evolução.

Após alcançado o objetivo da encarnação, desaparece do ser interior a necessidade de permanecer vivendo dentro dos corpos humanos. Um ciclo chegou ao fim e outro deve começar. Ele vai então buscar nova forma, mais adequada para si e para o uso do espírito imortal que está em seu centro profundo. Deixa de sentir-se atraído pela vida no plano físico, perde o interesse por tudo o que é externo

e retira-se dos seus envoltórios, dirigindo-se para os níveis internos. Muda, assim, a sua polarização.

* * *

Enquanto vivemos encarnados no corpo físico, quase nunca somos conscientes de nossas conexões com o Universo. O corpo físico é feito com elementos da Terra e adaptamo-nos a eles por algum tempo. Como vimos, ao vivermos tal processo, necessário inclusive à evolução desses elementos, perdemos gradualmente a percepção de nosso vínculo com mundos mais desenvolvidos em consciência, também chamados mundos sutis. Coaraci, por exemplo, embora não se lembrasse, pouco antes de desencarnar compareceu como alma a um círculo onde outras almas, em nível sutil de consciência, ensinaram-lhe uma espécie de oração que dizia: "É hora de restituir o corpo físico ao lugar de onde veio". A partir do momento em que recebeu esse impulso, Coaraci estava preparado para morrer, ainda que ele não tivesse registrado conscientemente esse sonho. E assim aconteceu. Chegando a hora propícia para o acidente, ele tudo abandonou, sem resistência. Ninguém soube, porém, desses fatos internos, porque em geral as pessoas conhecem apenas a crônica do que percebem com os sentidos humanos.

Outras vezes, Coaraci havia comparecido a círculos de estudos preparatórios que existem nos planos suprafísicos da vida. Em geral os que estão para desencarnar são especialmente atraídos para esses níveis, a fim de se prepararem. Tais experiências são primícias de algo que está para acontecer no futuro. Por essa razão, eles parecem es-

tar, no fundo, adaptados à ideia da própria morte, mesmo que em seu ser externo exista ainda alguma resistência.

* * *

A experiência de morrer gradualmente, Coaraci já havia tido em encarnações anteriores. Nesta ele podia, portanto, sair do corpo mais rapidamente, sem que traumas fossem causados a sua memória sutil. O processo desta vez demandou menor participação sua. Toda aquela sensação de pressão intensa que normalmente se inicia nos pés, subindo pelo corpo inteiro e deixando pesados e entorpecidos os membros, dessa vez não foi por ele percebida. Sendo rápida a retirada, não houve tempo para que tais processos chegassem a ocorrer em seus corpos.

Esse entorpecimento atua sobre a respiração, a circulação do sangue, a vista e os ouvidos físicos, levando-os a diminuir seus movimentos. Coaraci, porém, não precisou experienciar nada disso.

Nas transições mais lentas, a contraparte etérica do sistema nervoso físico desliga-se gradualmente dele, trazendo as sensações que Coaraci não chegou a ter, pois os contatos anteriores, estabelecidos em nível de alma, prepararam-no subjetivamente para que seus corpos estivessem relaxados no momento propício para o acidente.

Os chamados tremores psíquicos, que afrouxam pouco a pouco as conexões entre os sistemas nervosos etérico e físico, não são experienciados em mortes rápidas. Portando, aquela impressão de se estar desligando da maior parte do corpo não surge, e é como se de repente ele nunca nos tivesse pertencido. Como o impacto é inesperado,

não há tempo de os pensamentos se prenderem ao corpo, e tampouco de se instalarem quaisquer sentimentos com relação à partida da vida externa. É um processo pacífico, como um choque elétrico, cujas profundas consequências nem se percebem conscientemente.

O sentimento de insegurança, que todos têm nos momentos de afrouxamento, Coaraci tampouco experimentou. De repente, entrou em um túnel dentro de si mesmo – e não houve tempo de pensar em nada, pois já estava do outro lado. A ideia de estar sendo levado para o desconhecido – ideia que todos têm quando desencarnam – Coaraci não teve. Não houve impressão alguma de mudança.

Como tudo aconteceu de modo muito rápido, nem percebeu a incapacidade de realizar esforços mentais, que todos experimentam. Não houve tempo para pronunciar palavra alguma, nem de ter sentimentos vãos.

No caso de Coaraci, a energia vital retirou-se pelo coração, quando normalmente sai pela região do estômago ou pela cabeça. Dada a rapidez do fato, seria indiferente que ela saísse por uma parte ou por outra do corpo etérico-físico, mas, provavelmente, as intenções que tivera de transformar o Carvoeiro em Monte Santo facilitaram sua saída pelo coração. Um forte apego pela carvoaria teria feito sua energia liberar-se pela região do estômago; e, se tivesse mantido em si mesmo o pensamento elevado de recriar um Monte Santo sem violências, poderia ter-se liberado pelo alto da cabeça. Mas Coaraci fez o que pôde e foi agraciado pela potência do impacto. Como se tivesse sido despertado de um sono profundo, logo depois do rápido acidente, foi reconhecendo o outro lado do véu e reencontrando seu equilíbrio consciente em um nível de existência mais sutil.

* * *

Normalmente, a consciência do corpo físico luta para que a alma não o abandone. Além disso, nas pessoas emotivas, a luta trava-se também no corpo astral, ou emocional, que não quer desligar-se da vida física. Já no caso de indivíduos polarizados na mente, é esta que mais os prende à matéria, com seus argumentos contrários a essa partida. Nos seres mais evoluídos, não existe espécie alguma de conflito nesse sentido. Coaraci desencarnou como estes últimos, porque não teve tempo para dualidades, nem para questionamento das circunstâncias que se apresentaram – recebeu a graça de passar rapidamente para os outros níveis.

Assim, foi poupado, também, das cenas melodramáticas que as pessoas mais ligadas ao ser que desencarna costumam desencadear em volta dele. Essas reações afetivas perturbam os últimos momentos da encarnação terrestre de um indivíduo, momentos que, na verdade, deveriam ser os mais tranquilos possíveis, pelo que veremos.

* * *

Uma experiência entre as mais positivas que todos teremos é vivida nesses momentos. Existe uma parte do nosso ser, muito consciente, que permanece imperturbável durante a morte corporal, ou melhor, durante a retirada da energia vital do veículo físico e, no nível em que é consciente, a essa parte nossa não chegam as negativas vibrações eventualmente envolvidas em um acidente. A tudo assiste, no *eterno-presente*. Portanto, seja o desligamento rápido ou lento, para essa parte nossa, ele é sempre claro e muito nítido.

À medida que o coração físico para de bater, vê-se toda a encarnação em um só quadro. Mesmo que se disponha, como no caso de Coaraci, de apenas milésimos de segundos, essa imagem é nítida: por um momento, vemos o que se passou em toda a nossa vida segundo o ponto de vista daquela parte do nosso ser que tudo observa. Esse ponto de vista é muito sintético, por isso pode-se tê-lo em uma só imagem. Tomamos consciência de tudo o que realmente ocorreu durante a encarnação. Compreendemos, nesse ponto do processo de desligamento, quão superficiais fomos e quanta infelicidade poderia ter sido evitada. Experimentamos, quase sempre, imenso remorso. É como se fôssemos conscientes espectadores de nós mesmos e, entrando em contato com essa realidade, transformamo-nos. Vemos o que fomos, o que provocamos e tudo o que praticamos. Vemos os entes que conhecemos assim como são na realidade. "Que fiz dos dons de minha vida? Reconheci-os? Desperdicei-os? Que fiz das minhas energias?" Tais indagações, documentadas em vários livros clássicos, surgem então em cada um de nós.

Nesse instante, tudo o que foi a vida terrena parece irreal; mas, por outro lado, a existência universal mais ampla ainda não nos é clara. É preciso passar por isso mantendo a atitude positiva. A qualidade do pensamento que então tivermos será um dos fatores que determinarão a qualidade do ambiente que encontraremos na próxima encarnação ou nos mundos sutis. Outras causas também entram na construção dos passos futuros de nossa vida. Porém, nossos últimos pensamentos e reações são para isso fundamentais.

O próprio Coaraci não sabe o que pensou diante desse quadro e dessas constatações. Mas, certamente, a essên-

cia de Monte Santo veio para junto dele naquele momento, pois todo o bem que tenhamos feito durante a vida que estamos deixando vem em nosso auxílio nessa hora. De algum modo, a Paineira esteve nessa síntese, como também o curral.

Nada ficou excluído. Entretanto, precisamos ter a coragem, nesse momento único, de ver os fatos com clareza e, ao mesmo tempo, tudo abandonar, desembaraçando-nos de todo o passado. Fica claro, nesse átimo de segundo, que a existência terrestre não passou de uma espécie de sonho, e essa impressão deve mesmo impregnar todo o ser.

* * *

Terminada essa etapa, Coaraci entrou em uma espécie de sono profundo, como que inconsciente. Assim, todo o seu ser repousou. O corpo físico, que desempenhara suas funções dando as oportunidades necessárias para que a alma pudesse estar em contato com os planos materiais e fazer tantas experiências úteis, cumprira sua tarefa e estava agora entregue às energias universais. Podia transformar-se em infinitas partículas e reintegrar-se ao reservatório geral que fora sua origem terrestre. Assim, o mundo externo recebia de volta o que lhe pertencia, para fazer com esse material as requeridas reformulações.

Cientificamente sabemos que nada se perde, nada morre, nada se dispersa. Dentro de um caos aparente, uma silenciosa ordem impera, ordem que todos precisamos aprender a conhecer e a amar. Coaraci também devolveu seus próprios corpos ao mundo ao qual pertenciam e, com a consciência liberta das limitações mate-

riais, pôde integrar-se aos níveis sutis que o aguardavam. E ouviu, naqueles momentos, algo parecido com o que se lê no livro de Jó:

"Nu saí do ventre de minha mãe,
e nu voltarei para lá."

A Deus o que é de Deus

Durante sua vida sobre a Terra, Coaraci tivera muitas horas de sono, nas quais sua consciência podia sair do corpo físico, ora polarizada no emocional, ora no mental, ora em níveis mais profundos, para fazer experiências, agir e aprender. Fosse a consciência aonde fosse, o fio magnético que a ligava ao corpo físico não se rompia, e ela podia sempre retornar.

Quando chegou o momento de desencarnar, a consciência, ao sair, rompeu esse fio que é a corrente de energia pela qual a vida circula. Assim, não pôde mais voltar ao corpo físico como costumava fazer ao despertar. A morte não era, portanto, uma experiência nova para a consciência de Coaraci que, como a de todos os indivíduos, saía do corpo físico cada vez que este adormecia. A única diferença é que durante o sono continuava a ele ligada.

Para a consciência, sair do corpo físico é algo corriqueiro, que se repete a cada noite. A experiência da morte não lhe traz abalo algum. Os sentimentos e pensamentos do homem é que não foram preparados para compreender esse acontecimento. Outro elemento que contribui para que ele não compreenda o fato de que a vida continua, estando

a essência do ser dentro ou fora do corpo físico, é o cérebro. Após retornar do sono diário, o indivíduo se lembra com facilidade do que se passou consigo antes de ter ido dormir, entretanto, não há possibilidade de memória cerebral quanto à encarnação anterior, pois a cada nascimento um novo cérebro lhe é dado. Para lembrarmos hoje de nossas vidas passadas, é necessário interiorizarmo-nos em nível mais profundo, atingindo certo plano que está muito além do mental pensante e analítico. Muitos não têm ainda a possibilidade de tal aprofundamento. Coaraci também não a tinha. O que sabia ele sobre vidas passadas ou futuras eram teorias, mas nada que houvesse realmente constatado por si mesmo. Depois de sua morte, à medida que fosse ficando cada vez mais concentrado no âmago do próprio ser interior, iria contatar a sua própria memória mais ampla.

* * *

Para o ser reencarnante, sair do corpo físico é simples. Além de assim proceder a cada noite de sono, toda vez que a tarefa de uma vida é cumprida, ele se retira; o mesmo acontecendo quando a personalidade se torna inadequada para o grau de consciência que ele pôde atingir, dado que as estruturas sociais e terrenas a mantêm desatualizada com respeito aos passos que ele está dando em outros níveis de consciência. E, ainda, o ser igualmente se retira quando a personalidade, com seu livre-arbítrio, decide seguir caminhos que podem comprometer excessivamente o desenvolvimento de suas vidas futuras.

O futuro está em parte descortinado para o eu superior, dando-lhe a conhecer não só a realidade dos níveis psicológicos do homem, mas também, eventualmente, a

dos níveis mais sutis de sua vida, e algumas vezes até as ocorrências de níveis extraplanetários. A amplitude dessa visão dependerá do grau de desenvolvimento de cada alma. A maioria delas, nesta época, conhece o propósito para si própria, ou melhor, conhece sua parcela de participação no Plano Evolutivo[3]. Assim, muitas vezes, prefere renunciar a fazer certas experiências em determinada encarnação ao perceber quanto será positivo, para seu próprio progresso e dos outros, evitar a prática de atos que comprometam seu desenvolvimento interior.

* * *

É impossível ao indivíduo conhecer realmente a totalidade do seu ser, enquanto estiver encarnado. Esta é uma afirmação que pode causar reações, mas é o que me foi dito sem palavras. Durante a vida de desperto (e isso algumas escolas filosóficas também anunciam), o processo total das percepções e do conhecimento permanece em planos além dos acessíveis ao eu consciente. Em sua vida material, o indivíduo dirige suas forças normalmente para fora, seus sentidos estão voltados para o espaço externo à sua volta. Para que experimente o oposto disso, precisa, de quando em quando, deixar o mundo material e a sua densa vibração. Desencarnado, ou dormindo profundamente, é que o homem pode perceber o lado interior dos acontecimentos, dos seres e de si mesmo. Enquanto está dentro do corpo físico, essa experiência é esporádica.

Desencarnar ou dormir profundamente, porém, não significa abandonar a vida terrestre. Na realidade, nem

[3] **Plano Evolutivo:** vide glossário.

sempre se sai da órbita psíquica e espiritual da Terra, mas permanece-se ainda em seu âmbito, só que em outros níveis de existência. Portanto, quando nos estamos preparando para a transição chamada morte, não deveria existir em nós qualquer ideia de rejeição pela Terra. Ao deixarmos o corpo físico, mesmo que por longo período, até por milênios, a maioria de nós continua na órbita deste planeta – a não ser que tenhamos condições de fazer novas conexões, de modo a nos conscientizarmos de outros esquemas planetários.

É necessário pacificar-se com a ideia de deixar o corpo, ou os corpos, para dar à consciência todas as possibilidades que a vida suprafísica proporciona. A mente precisa captar isso, para abrir-se mais ao Plano Evolutivo.

A liberdade concedida pelo fogo

Coaraci recebeu muita ajuda em sua liberação da vida externa, mas a oportunidade de ter seu corpo físico cremado não lhe foi dada desta vez. O corpo etérico, mesmo depois de deixar o corpo físico, geralmente ainda mantém ligações com ele por certo período; permanece próximo ao corpo físico desocupado, dispersando-se lenta e gradualmente. A cremação auxilia o afastamento dos corpos sutis (o etérico, o astral-emocional e o mental), ajudando-os a liberarem-se da atração que têm pela matéria. Em vez de levarem vários dias nesse processo, em poucas horas o total desligamento pode realizar-se.

Do ponto de vista do corpo etérico, essa liberação ocorre no momento que o físico é cremado. Quanto ao corpo emocional, que é relativamente mais durável e que permanece em funcionamento até mesmo durante anos após a morte, também ele é beneficiado pela cremação, pois assim o corpo físico deixa de atraí-lo à vibração terrestre. O fogo dissolve o apego às formas, impedindo o corpo emocional (ou corpo de desejos) de construí-las. Dessa maneira, o eu superior que desencarnou pode se-

guir sua trajetória liberto das atrações, já que estas são neutralizadas pela desintegração das formas.

Uma vez transformado o corpo físico pela ação do fogo, mais rapidamente se rompem os laços e os apegos, e a alma pode retirar-se com maior facilidade, embora ainda levando consigo o emocional e o mental, dos quais também deverá desencarnar logo que possível. No Ocidente, quando se crema um corpo, sentimentalmente conservam-se as cinzas – o que pode continuar funcionando como ponto de atração tanto para o corpo etérico como para o astral.

No caso da rápida transição promovida por um acidente, o corpo etérico abandona o físico com facilidade, mas, mesmo assim, não se distancia muito. Apenas quando o corpo físico é cremado, há liberação imediata. Quando a morte ocorre por enfermidade, a retirada da energia do corpo físico é mais lenta, a menos que a virulência provoque repulsão por parte dos veículos sutis. Nesse caso, eles começam o processo de retirada muito antes, ainda que não possam afastar-se de todo enquanto a alma não der o "puxão" decisivo.

Nas transições causadas por velhice ou decrepitude do corpo físico, a retirada é tranquila desde que o indivíduo não seja apegado à Terra, ou aos assuntos e acontecimentos da vida humana. Normalmente, após algumas horas, o etérico está completamente fora do veículo físico, embora o emocional quase sempre mantenha ligações com ele por causa do desejo de viver no mundo externo, ou dos apegos às pessoas, situações ou bens materiais.

* * *

A ordem de retirada é emitida pela alma e vem permeada pela energia da vontade-poder – conforme apresentado em *A ENERGIA DOS RAIOS EM NOSSA VIDA*[4]. Como poucos conhecem bem essa energia, promove-se uma situação contrária à que é necessária, impedindo assim o indivíduo de desencarnar em paz. A tendência normal do corpo físico é de resistir e de não querer que a alma se desprenda, pois isso significa sua desintegração como corpo. Somando-se a isso os atos impensados das pessoas que estão em torno de quem está desencarnando, a situação torna-se ainda mais difícil. Conheci casos em que inutilmente se oferecia água e alimentos a um ser em processo de desencarnação, ou perguntava-se quais eram suas últimas vontades! Tudo isso solicita a atenção da consciência para o mundo exterior, movimento este contrário ao que deveria realmente ocorrer. No antigo Egito e no Tibete, sabia-se como ajudar os que estavam para fazer essa transição, facilitando-a; mas com o tempo foram perdendo tais conhecimentos – que, em uma nova etapa do mundo, serão reencontrados de modo ainda mais científico.

Em *ESOTERIC HEALING*, de Alice A. Bailey, há algumas indicações e instruções nesse sentido, sem, entretanto, constituírem eutanásia, na acepção comum desse termo. Algumas são válidas para todas as pessoas, independentemente de seu grau evolutivo; outras devem ser aplicadas dentro de um rigoroso critério, pois são próprias apenas para certos casos e determinadas circunstâncias.

O silêncio é absolutamente necessário no aposento do indivíduo que está para desencarnar. Na maioria das ve-

[4] Do mesmo autor, Irdin Editora.

zes, sua consciência, do ponto de vista cerebral, ainda está ali, mesmo logo após o seu desligamento do corpo físico. Qualquer rumor em torno, qualquer sinal de agitação, é recebido por ele muito aumentado e constitui motivo de perturbação. Ignorantemente, crê-se que, ao ser declarada a morte clínica, o indivíduo já esteja fora do corpo físico, mas isso não é exato – pois o cordão vital só se desliga após algum tempo depois do coração ter parado de bater.

Quando há silêncio em volta e compreensão pelo que está ocorrendo, o eu superior parte com muito mais segurança e clareza, e o ser tem oportunidade de fazer a preparação devida. Nesses casos, luzes alaranjadas no ambiente facilitam o processo. Não devem ser usadas antes da hora, porque assim acelerariam indevidamente o desprendimento dos corpos, mas apenas quando não houver mais possibilidade de recuperação da atividade física.

Diferentes cores de luz podem atuar sobre diversos pontos do corpo físico pelos quais a energia vital tem possibilidade de retirar-se. A cor laranja ajuda-a a retirar-se pela cabeça, e a vermelha estimula a saída pela região do estômago. A escolha da cor adequada precisa, entretanto, basear-se nas faculdades intuitivas de quem sabe que deve colocá-la em uso, e não na capacidade dedutiva de quem deseja fazer o bem. O fator fé[5] age nesse processo com muita potência, e é a fé, em última instância, que nos conduz à percepção acertada.

O uso do som também pode ser útil para ajudar o indivíduo a desligar-se mais rapidamente de seus corpos terrenos. Não conheço ainda as músicas adequadas para

[5] **Fé:** vide glossário.

essas ocasiões, mas sei que surgirão num futuro próximo. Aquelas que estimulam os centros etéricos de modo geral não serviriam para esse propósito, pois o objetivo que se tem é o de ajudar a alma a abstrair-se do corpo, e não o de mantê-la ligada a ele, como fazem as músicas normais, com raríssimas exceções. Existe um instrumento, o órgão, que em princípio auxilia essa abstração, tendo, por isso, sido usado em cerimônias religiosas.

Há indivíduos que, fazendo pressão sobre certos centros nervosos ou sobre certas artérias de quem está desencarnando, conseguem com isso favorecer um desprendimento mais fácil, embora este não esteja sendo antecipado. No já citado livro *ESOTERIC HEALING*, há indicações para se pressionar certas veias e certos nervos da cabeça. Existe um ponto específico na medula oblonga que a isso responde favoravelmente, ajudando a retirada da energia vital. Mas tais recursos, como dito antes, precisam ser usados apenas mediante a luz intuitiva[6] ou sob inspiração interna, e não por vias dedutivas ou por ter-se ouvido falar.

Há casos em que o eu superior está praticamente abstraído nos níveis sutis, enquanto o corpo físico se debate em dores ou em sofrimentos automáticos. Em um desses casos, essa realidade chegava aos limites do suportável. Então foram usadas certas cinzas, normalmente empregadas inclusive na extrema-unção, ou unção dos enfermos – como é chamada uma das cerimônias do cristianismo organizado. Feita a coligação com o eu superior, depositaram as cinzas consagradas, pela inspiração interna, sobre uma fotografia do ser que estava partindo, exatamente nos lo-

[6] **Luz intuitiva:** vide glossário.

cais que correspondiam, no corpo etérico, às aberturas por onde a consciência tinha possibilidade de retirar-se. Cuidadosamente, cobriram também os pés, na foto, com uma camada especial daquela cinza. Após terem tido uma percepção profunda de equilíbrio e de alegria, deixaram o local, transmitindo ânimo aos familiares daquele ser. Poucas horas depois, foram avisados de que ele havia conseguido, finalmente, retirar-se do corpo.

Em outra experiência, vinham acompanhando o processo terminal de alguém que, no final da sua encarnação, estava tomado por uma dolorosa virulência. Em dado momento, perceberam que deveriam ir para junto dele, passar pelo menos uma hora a seu lado. Quando chegaram, ele ainda estava consciente no plano físico e puderam conversar tranquilamente sobre vários assuntos que, outrora, muito o incomodavam. O eu superior dele não participava daquelas mesmas preocupações e estava pronto, em seu nível, para seguir outro caminho, fora da encarnação terrestre. Porém, partes da consciência deste indivíduo estavam apegadas a reflexos de antigas lidas, e, durante a conversa, foi-se reconhecendo que aqueles fatos na realidade não o prendiam mais à vida externa. Chegou-se mesmo a perguntar-lhe: "Você está tranquilo quanto à situação de seus filhos?" Diante dessa indagação, ele reconheceu que estava e que poderia deixá-los. Pouco a pouco, colocaram-se questões que ele, sozinho, não ousaria formular para si mesmo, auxiliando-o assim a fazer mentalmente uma síntese de suas vivências. No final da visita, ele estava em perfeita paz e coerência com a vontade do seu próprio eu interno, e uma perspectiva de lenta agonia pôde transformar-se em um período relativamente curto, após o qual se

desligou. Horas depois daquela conversa, entrou em uma fase de inconsciência aparente, e não falou com mais ninguém. Manteve-se imóvel, no leito, por uns dois ou três dias, para que os familiares se fossem habituando à ideia de sua partida para outros planos de existência. Finalmente, desencarnou com tranquilidade.

Vê-se, por essa experiência, que tais situações podem prolongar-se mais do que seria necessário em função do despreparo de pessoas coligadas, que não aceitam a transição de um ser para outros níveis de realidade. Nesses casos, certas almas compassivas prolongam a sua própria retirada do corpo, ficando o físico ainda sujeito a dores desnecessárias.

* * *

Qualquer intervenção que possa abreviar o ato de morrer, não sendo inspirada pelos eus superiores envolvidos, é considerada uma interferência, ou eutanásia. Caso não se possa agir conscientemente e sob orientação interna, o melhor que se tem a fazer é limitar-se a aliviar a dor e o sofrimento de quem vive essa transição. Não se deveriam tomar providências que acelerassem e muito menos que prolongassem um processo já decidido pela alma, ou pelas almas nele implicadas.

O uso de certas frases pode também ajudar o desligamento. Jesus, nos últimos momentos em corpo físico, disse: "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito". Quando as palavras são pronunciadas com a energia de todos os níveis do ser, atuam como fator decisivo para um desfecho favorável. Isso, é claro, requer o uso consciente da energia da vontade.

* * *

Rigorosamente falando, pode-se indicar o Oriente como a melhor direção para a cabeça do indivíduo estar voltada no momento da transição. Também, se os pés e as mãos estiverem levemente cruzados, o desprendimento pode, com mais facilidade, dar-se pela abertura mais adequada no corpo etérico. O aroma de sândalo auxilia nesses momentos – outros não produzem o mesmo efeito, podendo até mesmo atrair os corpos sutis para o mundo físico-etérico. Como é o primeiro raio[7] que basicamente conduz esse processo da retirada da consciência, a pura essência de sândalo é a mais indicada por pertencer a essa mesma energia. Reiteramos, porém, que essas sugestões devem ser observadas segundo inspiração interna, e não exatamente tomadas como regras a serem seguidas.

* * *

Quando o ambiente social ou familiar não facilita a instalação de um estado de harmonia e serenidade, mas leva os funerais para o nível emocional, é uma vantagem desencarnar por vias diferentes das comuns. Conheci uma pessoa que, devido ao ambiente em que vivia, não teria oportunidade de morrer em paz. Recebeu, entretanto, a graça de fazê-lo enquanto o veículo físico dormia. Assim, ficou muitas horas no leito, sem que ninguém tivesse percebido o colapso cardíaco que sofrera durante a noite. Quando foi encontrada, já estava completamente fora do corpo, e todas as reações emotivas que ocorreram então à sua volta não chegaram a prejudicá-la.

---

[7] Vide *A ENERGIA DOS RAIOS EM NOSSA VIDA*, do mesmo autor, Irdin Editora.

A situação emocional planetária precisa ser transformada o quanto antes. Principalmente se houver transições coletivas para o plano astral, promovidas por cataclismos ou experiências bélicas feitas pelo homem, o pânico deveria ser eliminado ao máximo possível. Uma multidão passando em estado de agitação para o plano astral significaria uma considerável desordem psíquica e um enorme desequilíbrio para esse nível de consciência planetária. Não me refiro só ao Reino Humano, mas também a muitas vidas de outros reinos da Natureza, que estão em organização ou em trabalho criativo nesses níveis e que seriam prejudicadas.

Os indivíduos que tiverem consciência desses fatos, ou que estiverem mais libertos do emocionalismo, serão de grande auxílio para os demais em um momento de pânico coletivo. À medida que se forem desprendendo com facilidade dos próprios corpos mais densos, e visarem, sem resistências, ao ingresso em níveis mais elevados de consciência, atrairão com tranquilidade para aqueles níveis outros que estiverem também desencarnando. Para os que ainda não têm a mesma serenidade diante do fato da morte, terem a seu lado indivíduos com essa atitude pode ser de grande valia em tais momentos.

Certa vez, houve um grande deslizamento de terras na Cordilheira dos Andes, e, naquela época, eu fazia um treinamento intensivo com alguém que trabalhava conscientemente nos níveis sutis da realidade. Quando a avalancha de lama desceu e cobriu a população de uma cidade inteira, almas em serviço interior atraíram, como ímãs, as demais para fora de seus corpos terrenos. Formou-se, então, uma ajuda organizada por escalões: em um primeiro círculo vibratório, ficavam os auxiliares mais ligados ao

plano físico, e que exerciam a atração pelo sentimento de querer ajudá-las; em um segundo círculo, ficavam aqueles que mentalmente cultivavam ideias altruístas; em seguida, seres cada vez mais ligados à ideia do serviço planetário, até que se viam, contornando tudo com suas imensas auras de proteção, os que nada mais tinham a ver com apegos terrestres. Era um imenso grupo que partilhava a vibração da vida com aqueles que, desolados e confusos pela situação material inesperada, permaneceriam envolvidos com forças astrais inferiores, não fossem assim ajudados por seres mais lúcidos.

É da máxima importância, portanto, que um grande número de pessoas tome consciência desses fatos e compreenda que todas as circunstâncias são motivo de trabalho evolutivo, e não mero pretexto para lamentações ou contestações mentais.

Virá o tempo em que a maioria dos seres humanos será capaz de interiorizar-se e terá a personalidade alinhada com a própria alma. Iremos então perceber claramente o momento em que devemos sair de nossos corpos e colaboraremos com isso de maneira inteligente. Esse tempo não deve estar distante, pelo que demonstram as crianças que nascem nos dias de hoje com maior facilidade de lidar com assuntos de desapego. Poderá haver, portanto, uma boa preparação logo que se perceber que a transição se aproxima. Será assim possível a cada um colocar em ordem os próprios assuntos, e até – em certos casos – deixar instruções para encarnações posteriores. Quem é capaz de contatar o próprio mundo interno pode saber um pouco do que normalmente permanece oculto para os que ainda não alcançaram tal possibilidade.

Está profetizado que, nos grupos mais adiantados das futuras sub-raças[8] desta atual Raça Ária[9], haverá indivíduos que poderão até organizar com lucidez o ambiente no qual deverão reencarnar. Isso, que já ocorre inconscientemente, com a evolução da humanidade poderá ser uma prática normal e consciente, desde que os grupos se preparem para perceber a realidade de que não existe morte, mas sim transição para outros estágios, para outros planos de vida, para os quais se vai e dos quais se volta segundo o ritmo necessário à evolução do próprio ser, e ao serviço ao mundo e aos homens.

Quanto mais a ideia altruísta do serviço for desenvolvida nos grupos de trabalho espiritual e nos indivíduos, mais ela poderá implantar-se e maior facilidade haverá nas transições que hoje ainda estão mescladas com pesadas cargas de emoção e de dor.

[8] **Sub-raça**: vide glossário.

[9] **Raça Ária:** vide glossário.

Vida, hoje e sempre

Jambo era um cachorrinho extremamente civilizado, que falava com o olhar. Acompanhava as conversas, compreendendo o que se passava, à sua maneira de animal em fase de individualização[10]. Os animais, como se sabe, quando são estimulados pelo contato em nível elevado com os homens, criam em si mesmos um princípio de núcleo interno que, aos poucos, transforma-se no embrião de uma alma. A partir daí, vão desenvolvendo esse embrião, reforçando-o a ponto de não se dissolver ao final da encarnação física. Quando esse núcleo embrionário consegue persistir através das várias experiências que a vida faz em um corpo específico de animal, diz-se que o ser se está individualizando, e que daí em diante passará a reencarnar sucessivamente.

Jambo vivia esse processo havia algum tempo. Muitos animais são como ele, atualmente. Não chegarão a ser "homens" neste mesmo planeta, mas elevarão ao máximo seus aspectos superiores, reforçarão quanto for possível esse princípio de núcleo reencarnante e, por fim, começarão a desenvolver, mesmo que ainda em um corpo animal, algumas qualidades humanas, tais como o apego a quem

[10] **Individualização:** vide glossário.

cuida deles, a capacidade de acompanhar suas atividades, interessando-se por elas, vigiando-as e participando de acontecimentos domésticos. Conforme o animal, tal participação pode ocorrer até em assuntos mais amplos, pois já começaram a formar a consciência mental.

Entre cachorros, gatos, cavalos, elefantes e alguns outros grupos de animais, há espécimes que têm um princípio de alma, ou mesmo um núcleo firme que passa de um corpo a outro, encarnação após encarnação. Jambo era um desses que, morando então na casa onde o conheci, vivera naquele mesmo ambiente outras vezes e tivera ali mesmo outros nomes. Tinha, naquela época, um pelo cinza-claro, olhos profundamente expressivos, que nos ajudavam a recordar fatos de outras vidas em que estivemos juntos. Esses animais, em geral, são conduzidos por vínculos de amor. Participam assim do destino de seres humanos e reencarnam de modo a continuarem junto deles. Em alguns casos, certas almas embrionárias podem até mesmo retornar diversas vezes ao mesmo lar, no decorrer de uma única encarnação de seu "dono".

Jambo era velho conhecido de certa família com a qual eu estava passando uns tempos. Era, também, antigo amigo meu, só que nesta encarnação nunca antes convivêramos. Reconheceu-me, porém, apesar disso, e deu-me as boas-vindas logo que nos reencontramos. No final de sua encarnação como Jambo, "disse-me" com o olhar que nos veríamos brevemente, em um futuro próximo. Realmente, anos após sua morte, reencontrei-o na mesma casa, no corpo de outro cachorrinho doméstico.

O fato deu-se assim: um dia Jambo adoeceu seriamente e os veterinários confirmaram que iria desencarnar em pou-

cos meses. Um tumor maligno, na área intestinal, começava a corroê-lo. No princípio sentia dores, mas era corajoso e, para não fazer as pessoas sofrerem, fingia que estava bem. Às vezes, gemia enquanto dormia, porque não sabia que o estávamos ouvindo. Logo que acordava tomava-se daquele ar de valentia e demonstrava grande firmeza. Certa vez encontrei-o no jardim esfregando o ventre sobre o gramado, para aliviar a dor. Ao me ver, parou com aquele movimento e veio ao meu encontro, como se nada estivesse acontecendo.

Quando, com o passar do tempo, começou a perder sangue enquanto caminhava pela casa ou pelo parque, não podia mais esconder o que se passava. Um dia teve uma hemorragia maior e, desse momento em diante, compreendeu que uma nova fase começava: agora, tinha mesmo que ser tratado mais intensamente, e as pessoas precisavam dedicar-lhe um cuidado todo especial. Jambo era muito grato. Olhava agradecido, diante de tudo que era feito por ele. Às vezes comia sem apetite, em reconhecimento a quem lhe havia preparado o almoço. Com o tempo compreendemos isso, e começamos a poupá-lo do que poderia aumentar seu sofrimento, já intenso.

Durante o inverno, as dores tornavam-se muito agudas, e ele passava horas com os olhos fechados, sofrendo fisicamente. As lágrimas não podiam deixar de escorrer, por baixo de suas pálpebras descidas. Jambo chorava não só por causa da dor, mas também porque sabia que nos iria deixar neste plano físico que conhecia tão bem. "Vamos continuar convivendo com você", disse-lhe um de nós, quando ele manifestou com o olhar que iria sentir saudades da casa e de todos. "Você, Jambo, vai sair deste corpo, mas vai continuar a existir", dizíamos-lhe. E, para dar-lhe

maior segurança, afirmávamos: "Você estará dentro em breve nesta mesma casa. Será outro cachorro, e o reconheceremos quando voltar".

Uns dias depois desse colóquio, Jambo parecia mais tranquilo que de costume; pouco antes de perder definitivamente os sentidos e de entrar em coma, ingressou em um estado intermediário, entre a vida física e a astral, com toda a calma e seguro do que iria acontecer. De repente, cerrou os olhos e não mais os abriu, embora o corpo ainda estivesse dando alguns sinais de vitalidade.

Foram muitos dias de agonia. O físico sofria, os olhos sempre fechados, mas o ser estava ainda encarnado. Nada se podia fazer, além de dar-lhe sedativos sob controle do veterinário que também tinha desenvolvido uma grande estima por Jambo. O responsável por Jambo estava sempre por perto, interiorizado e abrindo-se como canal para que o melhor desfecho possível acontecesse. Como se sabe, os animais também têm carma[11], nesta etapa da Terra.

Certo dia, em interiorização, foi percebido pelo responsável que a jovem alma de Jambo já se encontrava lúcida no plano astral, e que aquele sofrimento terrestre nada mais era que um automatismo do corpo físico; mera autotortura alimentada pelo apego à vibração terrestre, o sofrimento era mantido por conta própria. Não só com animais pode ocorrer que a agonia seja prolongada inutilmente; também os seres humanos podem prolongar o período de dor, por estarem apegados à forma externa e por não cederem ao verdadeiro movimento do eu superior, movimento que, naquele momento, é desencarnar.

[11] **Carma:** vide glossário.

Abreviar a experiência de um ser sobre a Terra, quando se ignoram realidades superiores de existência, é um ato contrário à oportunidade de evolução que lhes foi oferecida pela Vida Única. Numa próxima etapa deste planeta, porém, quando houver mais médicos que façam o caminho espiritual conscientemente e que assim possam conhecer a necessidade interna de um paciente, existirão condições de detectar o fato de um ser reencarnante já ter terminado seu processo dentro de determinado corpo, que sofre então por mero automatismo. Nesse caso, o que se fizer para facilitar o desligamento não é tolher a vida – como se sabe por meio das antigas instruções transmitidas pelos *livros dos mortos*[12] existentes em diferentes culturas.

A humanidade não se encontra, por enquanto, preparada para uma atividade benéfica desse gênero, e raríssimos são os indivíduos conectados com a vontade interna e profunda de outros seres; assim sendo, chegam a prolongar artificialmente a vida de muitas criaturas, colocando-as em situações dolorosas e até sob a ação de aparelhos e máquinas. Mas, no futuro, o nível intuitivo estará mais desenvolvido em cada um de nós, e os médicos se tornarão mais coligados com os centros internos de si mesmos e de seus pacientes. Na nova Terra, que em vários níveis de consciência está surgindo, o amor deixará de ser confundido com apego, e os seres humanos terão compreendido o valor de libertarem-se dos laços terrestres e de deixarem seus semelhantes livres, em qualquer circunstância. Por enquanto, não estando habituados a essa liberdade, procuram prolongar a permanência no corpo físico e manter os outros seres juntos de si, na ilusão de assim estarem com eles se unindo.

[12] **Livros dos mortos:** vide glossário.

União, entretanto, não é isso, como veremos pela continuação da história de Jambo, história que não terminou depois de sua morte.

A forte convicção de que são amados cria nos animais um núcleo reencarnante de qualidade especial. Outras experiências, tais como ter um grande sofrimento, ou ser assassinado pelo homem em algum matadouro ou na caça, criam pontos traumatizantes que ficam gravados na memória interna do ser.

Quando em outro esquema planetário (não na Terra), os animais, hoje em processo de individualização, integrarem-se a um reino superior, pensante, correspondente ao que chamamos de Reino Humano, serão marcados pelas circunstâncias nas quais seu núcleo reencarnante se formou. No caso de Jambo, o amor mútuo esteve em destaque. No caso de outros animais que sofrem a ação violenta dos homens que ignoram tais realidades, é o sofrimento e a dor que predominam. Assim, os futuros seres humanos terão índoles e temperamentos diversos, cabendo ao ser planetário do esquema para onde forem transmutá-los e aprimorá-los.

* * *

Logo que as forças da matéria densa se retiraram completamente do corpo de Jambo, pusemos o pequeno cadáver de pelos cinza-claro e pálpebras descidas perto da porta do terraço, cobrindo-o em seguida com um lençol. Ficou ali várias horas, em paz, até que as forças não dessem mais sinais de suas presenças, para depois ser cremado. Nunca soubemos o que foi feito das cinzas, pois dar destino a elas era tarefa de outras pessoas, igualmente amorosas. Nos-

sa parte estava encerrada; cabia-nos agora apenas manter claro em nossa consciência que a alma em formação, que até há pouco respondia pelo nome de Jambo, vivia, então, em outro plano da realidade.

E vivo ele estava, certamente.

* * *

Passaram-se uns poucos anos e voltei àquela casa. Alguns animais daquele tempo ainda moravam nela, vivendo felizes e fazendo experiências notáveis. Encontrei também os mesmos seres humanos que outrora conviviam ali, e o ambiente continuava em grande harmonia.

Logo depois de instalar-me no quarto e descer para a sala, alguém me disse: "Venha conhecer um novo ser". Em uma sala menor, onde havia uma espécie de viveiro de plantas, vi, brincando como fazem os animais ainda pequeninos, aquele que agora era chamado Raz, de pelos negros e o mesmo olhar que eu conhecera. Quando me olhou, insistiu em sua mensagem: "Vê como estou aqui?"

Todas as manhãs, do lado de fora da porta, esperava que eu me levantasse. Deixava de estar com todos os outros cães para caminhar comigo. Um dia, coloquei-o no colo como fazia no passado, e ele recostou a cabeça em mim da mesma maneira que Jambo. Suas atitudes, em geral, eram como as do passado. Haviam sido retomadas, mas não para permanecer como estavam, pois existiam agora novas possibilidades de evolução. Raz habitava um corpo sadio, mais adequado do que o anterior, e ainda mais aberto às transformações que são possíveis aos animais hoje em fase de individualização.

Procurávamos usar o tempo com Raz da melhor maneira que podíamos, e ao falar-lhe construíamos frases cada vez mais longas, a fim de que pudesse sentir várias gamas de vibrações. Ele acompanhava e entendia. Percebemos que era capaz de concatenar pensamentos e, também, que estava trabalhando a transformação dos ciúmes que tinha por nós, deixando de sofrer quando estávamos com os demais cães, o que, em se tratando dele, significava um grande passo na escala evolutiva. Certo dia trouxemos para casa um gatinho que sofrera um acidente, e tratamos dele. Raz ajudou no que lhe era possível e nem, por um momento, sentiu que ali havia um antagonista. Eram progressos notáveis, feitos em curto período de tempo. Certamente o tumor, na encarnação passada, havia colaborado para que determinados fogos instintivos se dissolvessem, a fim de que outros tipos de células pudessem ser atraídos durante a composição daqueles novos corpos. Raz era quase um "homem", sob determinados aspectos; apresentava qualidades admiráveis e dignas de um ser de relativa evolução.

O brilho em seus olhos tinha maior intensidade que nos de Jambo e a luz interna estava mais livre, podendo expressar-se melhor. Seu caráter também mudara bastante, e era capaz agora de um afeto mais profundo do que em sua anterior personalidade.

* * *

A Paineira, Jambo e Coaraci são expressões de um grande trabalho evolutivo desenvolvido nos Reinos Vegetal, Animal e Humano. Participar deste trabalho sem interferir, sem querer modificar o rumo dos acontecimentos é o que devemos fazer enquanto estamos encarnados; servir de

modo puro, cocriar com a Vida, sem ambicionar pretensiosamente tomar o lugar dela. Cada um de nós deve encontrar seu próprio ponto de equilíbrio nesse jogo cósmico.

Servir verdadeiramente é a chave para nos prepararmos para a morte, a grande transição de um nível da consciência para outro, tema deste livro.

Os dois tipos de coma

O estado em que se perdem as atividades cerebrais em sua maior parte, conservando-se, entretanto, a respiração e a circulação, pode apresentar-se de duas maneiras. Em um primeiro tipo de coma, o eu superior realmente se prepara para desencarnar; em outro, apesar de todos os sinais de que isso irá acontecer, a energia anímica retorna ao corpo físico e o indivíduo, à sua vida normal. Neste último caso, que veremos em detalhe, a alma parece submeter a personalidade a um treinamento intensivo quanto ao exercício da vontade.

Eventualmente, em determinada encarnação, a energia da vontade-poder da alma não foi assumida o suficiente pelo indivíduo, e o eu reencarnante, a fim de desenvolvê-la naqueles corpos relutantes, provoca o estado de coma temporário. Sentindo então a ausência da energia vital e a proximidade da provável desencarnação do ser, o corpo físico empreende todos os esforços possíveis para ativar certos órgãos morosos ou funções quase adormecidas pela enfermidade e pelo próprio coma. Esse empenho do elemental físico e da consciência do corpo é levado às últimas consequências, até que a alma retorne completamente

a esses corpos. Ao viver essa experiência, em geral o indivíduo vê-se curado, inclusive de algumas enfermidades secundárias que tratava com certa inércia ou descaso.

Tive contato com alguém que passou por um estado de coma desse tipo. Era uma jovem que se demonstrava excessivamente lenta para perdoar alguns membros da família, e o seu dia de desencarnar não estava distante. Assim sendo, para que determinadas áreas do seu ser passassem por uma reciclagem no plano astral, o seu eu superior deu todos os sinais de que logo iria transferir-se daqueles corpos para outros níveis de vida. A moça entrou em coma e estava assim havia uns dez dias. Um membro de sua família foi buscar-me, pedindo-me que comparecesse à sua casa. Percebi que deveria atendê-lo, e poucos minutos depois cheguei lá. O quarto estava na penumbra, as pessoas espalhadas pela casa, já com ares de velório, e a jovem deitada sobre o leito, inerte, quase sem respiração. Os médicos lhes haviam dito que provavelmente a morte da jovem aconteceria em breve.

Determinadas áreas do seu corpo físico sofriam por causa da posição no leito, sempre a mesma há tantos dias. Alguns parentes preferiam que ela partisse desta vida, pois sentiam grande desgosto por vê-la ali em um estado que não podiam compreender. Sentei-me ao lado de sua cama e fechei os olhos. Todos saíram do quarto. Não sei quanto tempo se passou, sei apenas que lhe perguntei, mentalmente, se estava disposta a perdoar algumas pessoas. Repeti a pergunta diversas vezes, da maneira mais amorosa que me foi possível. Depois retirei-me em silêncio.

Antes que a porta se fechasse, percebi nitidamente uma mudança em todos os presentes, mas não quis esforçar-me

para compreender o que era. No dia seguinte, telefonaram-me avisando que a moça havia voltado completamente à vida, e que tinha uma atitude totalmente diferente da que conheciam. Mostrava-se não só afável, mas muito amorosa com todos – mesmo com quem, antes do estado de coma, ela tinha dificuldade de relacionar-se.

Independentemente do que possa ter ocorrido com seu corpo astral em outro nível de consciência (onde há grupos adequados para lidar com desequilíbrios e enfermidades emocionais), a pergunta que lhe fizera sem palavras colocou sua mente a par da transformação a ser assumida em sua vida. Um circuito de energia, a partir de vários centros do ser, formou-se positivamente e alguns núcleos, até então relutantes em mudar, responderam adequadamente diante da possibilidade de a alma desencarnar e de ficarem dispersos e entregues à dissolução.

Há momentos em que tanto a consciência do corpo físico como a de um grande número de átomos e células percebem que a morte se aproxima. Quando tal situação se torna clara, os poderes da Vida Única fazem-se sentir e agem conforme a necessidade espiritual do maior número possível de seres implicados naquele processo. Como se vê, nunca estamos sós, e a nossa vida está sempre ligada à evolução de outros indivíduos.

* * *

Um curioso tipo de coma que resultou em vida abundante foi-me narrado por um senhor de temperamento místico. Certa vez, ele se encontrava já nos momentos finais de uma agonia cujas causas os médicos não puderam identificar. Inconsciente havia vários dias, chegou final-

mente o momento de atravessar aquele túnel interno do qual quase sempre não se volta. Estando quase no final dele, surgiu-lhe a figura de um Instrutor espiritual, abrindo-lhe os braços, como que para recebê-lo. Entretanto, pouco antes de tocar-lhe a aura, o moribundo pediu-lhe para retornar à vida física, pois, segundo ele, ainda não estava pronto para desencarnar. O Instrutor sorriu-lhe e, voltando-lhe as costas, desapareceu no final do túnel.

Aquele homem saiu do estado de coma, para grande espanto dos médicos, que acreditavam ser o quadro irreversível. Ninguém compreendeu o que acontecera, e ele nada revelou naquela ocasião. Ao contar-me sua história, após algum tempo desde que vivera esse episódio insólito, informou-me que tinha um filho desaparecido havia cerca de dez anos e que não se sentiria em paz se desencarnasse sem saber de seu paradeiro. Percebia também que algo precisava ser equilibrado em seu relacionamento com ele e, por isso, pedira para não partir deste mundo.

Após retornar ao estado normal de saúde, sua vida tornou-se aparentemente inútil – assim ele o sentia e assim falou comigo sobre si mesmo. Durante a conversa, percebi que todos aqueles anos, considerados por ele insípidos, haviam comprovado sua firmeza moral e fé espiritual, pois nunca perdera a confiança em uma solução positiva para seu destino.

"Você pode ter uma surpresa", disse-lhe eu, "se persistir em seu pensamento positivo com respeito à vida e ao amor". Ele levantou-se satisfeito, afirmando que me telefonaria se algo importante lhe acontecesse. Não se passaram muitos dias e sucedeu o inesperado para a personalidade

que persistira corajosamente durante prova tão longa: certa manhã recebeu um telefonema do filho que, de um país distante, perguntava-lhe se seria recebido caso voltasse para casa.

O rapaz chegou e a harmonia entre os dois se refez. Em nosso colóquio seguinte aquele senhor apresentou a pergunta que quase todos fariam: "E agora? Vou desencarnar? Afinal, eu estava praticamente do outro lado do véu quando voltei!" Respondi-lhe que quem sabia disso era o seu eu interno, mas que talvez ele quisesse aproveitar, como instrumento de algum trabalho altruísta, sua personalidade tão trabalhada e que lhe dera tantas provas de genuína vontade e devoção espirituais. De fato, esse homem ainda está encarnado e é útil em setores de serviço ao Plano Evolutivo.

A luz em cada célula

Embora o medo seja, também, resultado de memórias passadas que permaneceram no subconsciente da humanidade, é ainda atuante devido à falta de maior comunicação do eu consciente com sua parte supramental. À medida que tal contato se amplia e que o indivíduo percebe a presença da vibração interior e profunda de sua alma, os temores tendem a desaparecer. Na verdade, o medo é reflexo do que existe na subconsciência de cada indivíduo e da humanidade como um todo (restos de experiências pré-históricas ocorridas na época em que havia sobre a Terra inóspitas condições de sobrevivência).

A morte provocada por um acidente ou por um tumor cancerígeno parece ser um dos acontecimentos mais temidos pelas pessoas em geral.

Há indivíduos que, tendo anteriormente desencarnado em decorrência desses processos citados, ainda os temem; projetam velhas impressões sobre a vida atual e com isso, até certo ponto, atraem novamente as mesmas condições que, embora não estivessem previstas para o presente, passam a ser vitalizadas pela própria energia do medo e da dúvida. Outros têm a premonição de que vão desencarnar

por esses processos, por isso os temem ou ficam apreensivos. Em ambos os casos, a técnica para a transcendência do medo consiste em dirigir o pensamento para os níveis supramentais: focalizar as ideias altruístas de serviço, assim como os meios de praticá-las, pois não devem permanecer apenas no plano intelectual. Da aspiração e da prática do serviço vem a energia que indiretamente dissolve todo e qualquer medo, pois o eu espiritual começa a fluir, curar e regenerar as zonas obscuras dos níveis mais densos do ser. A segurança interior vem do próprio bem praticado. Segundo a lei de causa e efeito, o que se emana de positivo repercute também no próprio indivíduo eliminando-lhe os temores, sem que para isso seja necessário pensar ou analisar seus motivos e origens, sempre muito obscuros.

* * *

O câncer surgiu, como enfermidade planetária, quando a carga de maldade engendrada pelos indivíduos através dos séculos chegou a um alto grau de densidade. De algum modo, esse concentrado antiquíssimo precisava ser resolvido ou transformado e, assim, cada indivíduo que passa pela experiência dessa enfermidade dissolve resíduos de maldade, bem como de efeitos de parte do sofrimento que ele próprio ou que a humanidade da qual é membro provocaram em outros reinos e nela mesma. A matança de animais e atos de violência, de modo geral, formaram um concentrado de experiências que tem, dessa maneira, sua válvula de purgação. Assim sendo, aquele que contrai o câncer pode estar equilibrando, em seu próprio ser, parte da maldade individual e coletiva.

As células do corpo físico-etérico passam por um processo de liberação enquanto essa prova se desenvolve, pois

no centro de cada uma delas existe uma substância-luz, que é liberada pelo "fogo" que consome os tecidos. Um indivíduo que conheci havia percebido esse fato básico e chegou a sentir seu corpo físico inteiro como sendo uma só luz, durante uma de suas maiores crises terminais, com dores terríveis. Essa percepção aconteceu entre o estado de sono e o de vigília, e se tratava de uma vivência interior. Teve, porém, seu efeito, segundo ele, até no plano físico. Após tal prova, esse indivíduo aprendeu a conviver com a dor, experienciando a presença da luz dentro das próprias células. A partir desse momento, sua consciência ampliou-se e o cérebro pôde captar ondas que vinham de níveis mais elevados. Era como se, por meio do câncer, a escória estivesse sendo "queimada", liberando assim algo essencial, até então desconhecido.

* * *

Também Ramana Maharishi, conhecido sábio indiano, quando desencarnou devido a um câncer extremamente doloroso, proporcionou aos que estavam nas proximidades de seu aposento a experiência de "verem" uma luz generalizada. Essa percepção não foi apenas fenomênica: veio acompanhada de uma paz interior que permaneceu inalterada nos que o cercavam.

Meu amigo que teve a experiência com a luz disse-me, igualmente, que estava tomado por uma paz que persistia independentemente de qualquer fato externo, por mais doloroso que fosse.

Há casos em que se está destinado a desencarnar devido ao câncer, mas que, com o tempo, esse processo é amenizado. Em geral, quando a linha de conduta do indivíduo

é transformada, características da enfermidade podem ser modificadas. Conheci alguém que, além de ter assassinado a esposa, praticara, durante a mesma encarnação, vários outros atos desequilibrados e desarmônicos. Porém, a certa altura de sua vida, mudou alguns conceitos em sua mente e entregou-se às práticas filantrópicas em razoável proporção. Ajudou muitos indivíduos, transformou para melhor situações que estavam ao seu alcance viver, até que, enfim, chegou o momento de um câncer, dos mais dolorosos, manifestar-se em seu corpo físico, conforme estava predestinado. Um rápido exame clínico, inesperado, revelou ao médico a existência do tumor maligno, e o cirurgião, intervindo em seguida, ajustou as condições de alguns nervos em seu corpo. Assim, esse indivíduo voltou por uns tempos à vida normal e, quando desencarnou meses depois, fê-lo quase sem dor. Evidentemente o sofrimento físico foi-lhe poupado devido às mudanças que fizera em sua consciência, gerando efeitos totalmente contrários aos que havia produzido antes. A primitiva maldade havia sido em parte compensada com atos opostos e, quando a enfermidade chegou, seu efeito purificador foi amenizado, pois não era mais tão necessário.

* * *

Por outro lado, são conhecidos casos nos quais o eu espiritual escolhe, como um de seus serviços sobre a Terra, destilar uma parte do carma geral humano. Assim, seres de grande evolução assumem uma parcela do débito planetário e equilibram tal débito por meio de enfermidades que surgem em seus corpos físicos.

Há também, paralelamente, enfermidades planetárias que servem para expurgação coletiva. A psicologia

esotérica indica-nos algumas. A primeira delas, a sífilis, apareceu como consequência da promiscuidade sexual existente entre os homens primitivos, e entre eles e os animais, na antiga Lemúria, continente hoje desaparecido no fundo do atual Oceano Pacífico. A tuberculose foi o segundo mal planetário, e surgiu na Atlântida como elemento de equilíbrio, quando o homem, ao deixar de usar todos os recursos disponíveis em seu ser para o próprio progresso espiritual, sufocou em si mesmo muito do desenvolvimento que poderia ter tido na época. A terceira doença, o câncer, veio, como dissemos, para purificação do homem, neutralizando sua maldade. À medida que essas enfermidades planetárias vão sendo controladas pela ciência, deixando de ser fatais (como a sífilis e a tuberculose), outras aparecem. Assim tem sido.

Certas doenças funcionam como instrumentos de "juízo", levando a desencarnar grande número de pessoas e reduzindo desse modo a superpopulação do planeta. Enfermidades epidêmicas como aids podem conduzir os indivíduos que devido a elas desencarnaram a uma espécie de sono profundo por milhões de anos, até que a porta de um novo esquema planetário se abra para eles. É claro que isso não é uma regra geral e, portanto, essa é uma possibilidade que não se aplica a todos os enfermos de aids.

Por meio dessa e de várias outras formas de "juízo", a Terra poderá assumir o seu novo papel neste sistema solar, mantendo em sua órbita apenas os seres que foram suficientemente purificados ou preparados e que possam receber, ou conter em si mesmos, energias mais sutis do que as atuais.

Terceira Parte

A eliminação

É impossível dominar toda a tensão
das energias circundantes
permanecendo no corpo físico.

Há tantas experiências significativas
aguardando sua vez!

Morya

Inicia-se a viagem

Ao retirar-se do corpo físico, a consciência dá início ao movimento de recolher-se em si mesma, abandonando também a rede de éteres que o mantinha integrado e vitalizado. Essa rede de éteres, ou corpo etérico (cuja irradiação pode ser vista em fotografias), fica então desabitada e leva, normalmente, algumas horas para se desfazer, a menos que o físico seja cremado. Como dissemos anteriormente, sua tendência é permanecer nos arredores do corpo físico. Quando acontece de este corpo ser embalsamado e conservado artificialmente, mais tempo ainda perdura o corpo etérico. Dissolvendo-se finalmente essa rede energética, o material que a compõe é restituído também aos reservatórios gerais planetários.

A consciência menos evoluída ingressa numa espécie de sono profundo, de esquecimento, pois, nesses casos, o ser não está suficientemente desperto para ter reações em níveis sutis, e a totalidade de sua memória ainda contém pouco material positivo.

Já o indivíduo de evolução mediana, após ter-se retirado do corpo físico e do etérico, vive algo como se fosse o despertar de um rápido sono – e dá prosseguimento, em

um nível próximo ao físico (o plano astral), às vivências e experiências que teve durante sua recente vida sobre a Terra. Sua consciência superficial, sentimentos e envolvimentos com os fatos mais materiais são os mesmos de outrora, e ele procura reconstruir as situações que viveu. Isso é possível até certo ponto, porque a matéria do plano astral é fluida e executa o que o pensamento ou o sentimento provocam. Criaturas que continuam a passar pelos episódios corriqueiros de sua recente vida terrestre geralmente custam a perceber que desencarnaram e que estão em outro plano, tão verídicas lhes parecem tais criações.

Quanto mais egoísta a pessoa, maior é sua ligação com o mundo material, o que a leva a prosseguir experimentando, no plano emocional, as sensações nem sempre depuradas que conheceu durante a vida externa. Elos humanos continuam a existir, embora não haja comunicação consciente com os entes que ficaram encarnados; figuras e situações como as que conhecia são recriadas à sua vontade, como vivências nostálgicas. Passam-se tempos sem que a consciência consiga desprender-se dos hábitos adquiridos pela personalidade em sua existência física, hábitos que o eu espiritual já rejeitou como escória de uma encarnação terminada.

Portanto, essa nova fase do processo da morte diz respeito à eliminação de materiais próprios de um estágio mais denso e menos profundo da consciência. Enquanto esta permanece ligada ao nível das emoções, parte da antiga personalidade continua ativa: tanto o corpo astral, que se encontra em seu habitat natural nesse plano extremamente ilusório, como o corpo mental, que nessa fase permanece atuante. Esses núcleos da personalidade ainda

não dissolvidos (como o foram o físico e o etérico) procuram retomar velhos contatos e alimentar-se deles, pois nas recordações e nos apegos terrestres, encontram sustentação e meios de não perecer. Nessa fase, principalmente, qualquer tentativa, por parte de seres encarnados, de fazerem contatos com os que já se foram para esses planos é altamente retrógada, pois essa busca de contatos equivale a uma solicitação, o que atrai o indivíduo para a vida física e psíquica, que ele deve deixar para continuar evoluindo.

Quando, entretanto, o homem de evolução mediana se torna aspirante espiritual, isto é, quando, durante a vida externa, assume a evolução conscientemente, ao desencarnar não permanece no plano astral ligado à vida física recém-terminada, mas entra em uma esfera de atividade que é continuação do serviço que prestava, ou continua um aprendizado que conheceu, quiçá em sonhos, em interiorizações ou por meio de primícias de uma existência suprafísica. Está focalizado nos assuntos espirituais e não nas emoções, de modo que seu corpo astral, logo desocupado, não perdura muito. Nessa etapa, o corpo emocional, ou astral, é eliminado pela aspiração que o homem tem por uma vida superior. Quanto maior for a aspiração (que é treinada na encarnação terrestre, como se deduz facilmente), mais rápida será a saída da consciência desse corpo ilusório, ou melhor, mais depressa se processará a desejável "segunda morte". Chama-se segunda morte (que se dá no plano astral) o abandono do corpo emocional naquele plano. Assim, esvaziado da consciência, esse corpo entra em um processo de desintegração.

* * *

A consciência chega então ao plano mental, onde entra em contato com seus maiores ideais, reconhecendo, nesse nível, a energia paradisíaca que alimentou seus melhores pensamentos durante a vida no mundo físico.

O estágio no plano mental não é, porém, duradouro para muitos indivíduos. Dependendo do nível evolutivo e da potência interna adquirida pelo núcleo reencarnante, a alma, por atos de vontade, começa a recolher-se no próprio centro e acaba por deixar também o corpo mental. Este último, como sucedeu com o corpo astral, se desintegra à saída da consciência. Assim, o indivíduo é atraído para o seu centro interno, abandonando, finalmente, todos os corpos da personalidade. O que resta dela, a esta altura, é uma síntese, como se fora uma semente, guardada na memória sutil do indivíduo, e que servirá para atrair os materiais que formarão seus futuros veículos de manifestação na superfície da Terra ou, em certos casos, em outro esquema planetário.

Enquanto a consciência está nesse corpo mental, há duas tarefas que precisa fazer antes de recolher-se para um nível mais interno. A primeira é dissolver os sedimentos emocionais que ainda lhe restam, e isso é conseguido com o auxílio da energia que flui dos seus núcleos profundos. A segunda é destruir o próprio corpo mental, usando o poder que também emana desses núcleos e que vem, quase sempre, do grupo interno do qual o ser faz parte. Em *A ENERGIA DOS RAIOS EM NOSSA VIDA*, mencionei esses fatos, bem como em *NOSSA VIDA NOS SONHOS*[1].

[1] Ambos publicados pela Irdin Editora.

* * *

Depois de desencarnar do corpo físico e de ter o corpo etérico dissolvido; de, em seguida, desocupar o corpo astral, deixando-o entregue à desintegração naquele plano; e, por fim, destruir o corpo mental com um ato de vontade-poder, o indivíduo, agora completamente desencarnado, entra na vida de sua própria alma, no nível causal[2], onde está cada vez mais livre do controle das forças da matéria. À medida que consegue retirar-se para o nível da alma, sem envolvimentos com substâncias e fatos terrestres, sua liberdade se amplia.

* * *

Quanto mais evoluído é o ser, menos laços, sentimentos e pensamentos o prendem à Terra e aos corpos que acabou de deixar. Quanto mais desapegado, mais lúcido permanece nos seus níveis internos, onde experiências muito especiais o esperam. Pode nele até mesmo existir, enquanto encarnado, um conhecimento claro da data prevista para sua morte. Quando o eu interno consegue passar à consciência da personalidade essa clareza, uma correta preparação para as fases que foram aqui antes descritas pode ser feita.

Em épocas futuras deste mesmo planeta, assistiremos a homens preparando-se conscientemente para viver a transição da morte e, enquanto ainda encarnados, dando alguns passos no sentido de organizarem suas próximas manifestações na vida externa, se vierem a tê-las, pois alguns não mais necessitarão voltar aos níveis materiais da existência.

---

[2] **Nível causal:** vide glossário.

* * *

Seres mais evoluídos, que chamamos de iniciados, têm uma compreensão inteligente das leis da morte, e são capazes de retirar-se tranquila e conscientemente dos próprios corpos, quando chega o momento de fazê-lo. Assim, podem transitar com lucidez por todas essas fases da existência, liberando-se dos corpos materiais com a naturalidade com que deixamos uma roupa que vínhamos vestindo.

Quanto mais evoluído é o ser, mais mantém-se consciente dos estados de ânimo internos dos entes humanos a ele coligados; não os conhece por fatos ou por histórias de suas vidas externas, mas sim pelas realidades puramente sutis, que dizem respeito à evolução espiritual por eles vivida. Um homem evoluído comunica-se com outro telepaticamente, mas para isso não se limita aos recursos do corpo mental; sabe estabelecer contato de alma para alma, por meio de uma telepatia superior que pode experienciar mesmo ainda encarnado. Estando, porém, liberto do corpo físico e tendo desocupado também os corpos astral e mental, o indivíduo tem nessa telepatia anímica a sua comunicação normal. Não há mais as limitações dos corpos da personalidade, a qual já está sintetizada em um "átomo" imperceptível aos sentidos normais, e o ser interior está livre de vibrações densas e de pensamentos humanos. Há nesse nível elevado apenas a energia da alma, que normalmente não é reconhecida pelo sistema mental ao qual estamos habituados, mas sim captada como um conhecimento sintético que passa de um ser para outro, revestido da energia do amor-sabedoria, energia que é livre e destituída de qualquer possessividade.

* * *

Os desligamentos sucessivos que descrevemos podem ser perturbados pelas emanações dos sofrimentos dos seres que permanecem encarnados em seus corpos densos e pessoais. Seus desejos e pensamentos podem tender a retardar esse processo que, não fosse isso, poderia prosseguir com a maior simplicidade. Passar por ele sem resistências e sem grandes demoras é meta da humanidade nos novos tempos que se iniciam neste planeta, pois viver conscientemente no nível causal (onde o eu superior, ou a alma, tem o seu corpo e sua atividade) é uma etapa a qual todos devem atingir.

* * *

O indivíduo que, tendo passado por todos os estágios da morte, encontra-se completamente liberto da forma e plenamente lúcido no nível causal, não se comunica com seres encarnados por meio de transe destes últimos. Usa para isso a telepatia anímica, que pode manifestar-se naqueles que recebem sua mensagem por meio, por exemplo, da clarividência ou da clariaudiência superiores. Há, durante tal processo de comunicação, perfeita lucidez e consciência da sua origem, e nunca, como dissemos, qualquer espécie de transe. Quando se travam contatos com desencarnados nesse estágio, não são tampouco feitos com o seu corpo astral, já que os átomos que o compunham há muito assumiram novas funções. É, portanto, um procedimento mais avançado do que o das sessões mediúnicas normais.

O plano astral, usado ainda em várias comunicações com os desencarnados, é composto de uma substância sensorial que pode funcionar como obstáculo no caminho

para a alma; sendo muito plástica, constrói todas as formas possíveis, o que continua ligando o homem à vida terrena. Em uma fase mais adiantada do planeta e desta humanidade, a interação com os corpos astral e mental dos indivíduos desencarnados deixará de existir, e prevalecerão os contatos telepáticos em níveis supramentais – contatos em que é bem menor o grau de ilusão presente no processo de percepção da realidade.

O desencarnado que ainda não chegou a estar consciente em sua própria alma, mas que perambula pelo plano astral ou pelo mental, não se dá conta de que seu mundo é como um sonho, e quem serve de médium para suas comunicações também não consegue perceber isso. Como já vimos, cada indivíduo que morre, enquanto permanece na periferia da alma, constrói seu próprio mundo com base em desejos de diversos graus e qualidades. É esse mundo que ele transmite na maioria das comunicações mediúnicas comuns.

* * *

Certas leis precisam ser mais bem conhecidas, a fim de que tenhamos um contato mais inteligente com os níveis nos quais nos encontramos logo após a saída do corpo físico-etérico. Quando se vive de acordo com elas durante a encarnação, fazem-se transições importantes: da experiência comum de enfermidade e de morte, passa-se a ter uma dissolução dos corpos da personalidade de modo consciente e sob controle; das enfermidades malignas, passa-se às benignas; das mortes dolorosas, passa-se às pacíficas; e de morrer involuntária e inesperadamente, passa-se a colaborar com a alma no sagrado

ato de desencarnar, podendo-se, também, prever o momento em que isso vai ocorrer.

A decisão de desencarnar da alma pode ser registrada no cérebro do indivíduo, de modo a promover a redução da sensibilidade à forma e, portanto, à dor, pois esta pertence ao período no qual a alma está identificada com os corpos que habita. À medida que se desidentifica desses corpos, o homem avançado no caminho da evolução percebe que a dor, a enfermidade e a morte perdem o sentido para ele. Estas, para os que atingem graus de clareza interior, pertencem apenas à forma e são inerentes ao seu carma. O corpo físico poderá sofrer dores por muito tempo ainda, mas o ser interno, suficientemente lúcido de sua realidade como ente imortal, permanecerá em concentração imperturbável. Tal consciência traz um relacionamento diferente com os acontecimentos antes encarados como adversos, o que é positivo no âmbito moral e nos níveis sutis. Nessa espécie de domínio sobre si mesmo, o homem acaba por transcender o sentido negativo da dor e dos sentimentos pelos quais passa, recolhendo deles uma nova e especial aprendizagem.

* * *

Não tenho experiência a respeito de dor física, pois nesta encarnação não tive provas significativas nesse campo. Entretanto, passei por uma vivência interna que me foi elucidativa para o domínio da dor.

Era um período no qual, na Europa, o povo acompanhava emotivamente o processo de libertação política de várias colônias africanas. Os noticiários e as conversas tinham isso como tema central e eu, embora não me envolvesse com o assunto, estava a par dele.

Certa noite sentia uma crescente necessidade de recolher-me ao leito para dormir. Ainda de pé, vestindo o pijama, percebi que já me encontrava em outro nível de consciência, nível para o qual geralmente vamos depois de adormecidos. Enquanto meu corpo se deitava na cama, minha consciência se encontrava em uma parte da África que estava, naquela minha experiência, sendo bombardeada por aviões europeus. Era o Congo. Entre as palhoças paupérrimas, o que existia não eram exatamente ruas, mas caminhos estreitos por onde homens, mulheres e crianças de pele negra fugiam assustados. O pânico era geral, e podia-se percebê-lo claramente. O ruído de aviões super-rápidos, com potentes metralhadoras, era ensurdecedor em certos momentos. Quando vinham em voo rasante atirando, o terror aumentava e alguns negros caíam pelo chão, no meio da corrida desorientada. A metralhadora cumpria então seu papel de assassina, e tudo isso acontecia diante dos meus sentidos. O meu ser recebia aquele estado geral e registrava os detalhes dos fatos.

De repente, vi-me em um daqueles caminhos e às minhas costas um dos aviões se acercava. Seu ruído fazia-se cada vez mais próximo. A metralhadora começou a disparar, enquanto minha consciência se abria para percepções que antes nunca tivera. Era impossível evitar o que iria ocorrer e, subitamente, parei. As balas começaram a perfurar-me as costas, e eu as sentia entrando pulmões adentro. O tempo, naquela experiência, não contava: tudo acontecia simultaneamente e a entrada das balas coincidia com a ideia de que eu estava sendo perfurado, sem, no entanto, haver sinais de morte ou de dor, por mais que a mente apresentasse essas hipóteses. Percebi que o condicionamento mental

emite ideias como essas enquanto circunstâncias diferentes estão ocorrendo. Quando passei a conviver com a situação de ter um avião metralhando minhas costas, sem com isso perder a percepção de que estava vivo naquele nível e em outros, a experiência terminou.

Ao acordar não havia sinais de suor ou de nervosismo no corpo físico. Algumas horas depois chegaram as notícias de que a guerra no Congo estava no auge de sua violência, tendo ocorrido muito morticínio em várias de suas províncias.

Ficou-me clara a percepção de que este meu corpo físico aprendeu algo no campo da dor. Quando certas experiências não ocorrem na vida normal de desperto, como no meu caso, elas podem ser possíveis em conjunturas como essa.

Rumo à meta interior

Até pouco tempo atrás, a humanidade em geral tinha remoto acesso aos níveis espirituais, e sabia de sua existência apenas por meio de teorias ou do testemunho de raros indivíduos. Não era ainda necessário que a energia do mundo sutil fluísse diretamente sobre os homens, porque em sua linha evolutiva estavam desenvolvendo outros aspectos. Hoje, todavia, é preciso que as energias espirituais desçam copiosamente sobre esses seres. Por essa razão, este livro pouco se detém nas características emocionais e mentais da morte, e tampouco cuida do chamado "purgatório"[3] pelo qual o desencarnado passa com a consciência astral. Procura elevar-nos, convidando-nos a refletir sobre outros níveis, nos quais ingressamos depois de termos sido devidamente preparados pela vida cotidiana.

Fatos do plano astral e do plano mental pensante não são registrados aqui por fugirem ao nosso escopo, que é despertar o homem para o conhecimento da existência de uma vida livre dos corpos da personalidade. Essa libertação, como já vimos, ocorre entre a morte e o novo nascimento, e dá-se além do plano mental, quando a alma, já

[3] **Purgatório:** vide glossário.

totalmente desencarnada dos corpos humanos, recolhe-se em seu centro para ter sua própria vida.

Normalmente, durante o estado de vigília, o homem tem o processo de percepções e conhecimento interno em geral relegado às áreas supraconscientes de seu ser e, enquanto está encarnado, não pode conhecer muito a si mesmo. Esse fato é sabido e ensinado por algumas escolas filosóficas autênticas, escolas essas que foram inspiradas pelos níveis espirituais. No intervalo entre as encarnações, porém, o ser tem oportunidade de contatar áreas da consciência normalmente impossíveis de serem visitadas e pode, por meio disso, recuperar a energia desgastada durante a sua passagem pelo denso ambiente psíquico terrestre. Enquanto está encarnado, é levado a polarizar-se fora de si mesmo, por força de circunstâncias. Por mais que se esforce e se treine, seus sentidos estão quase sempre voltados para o espaço exterior. Quando desencarna, esse ponto de vista muda por completo, e ele tem então oportunidade de perceber o lado interno da vida e de habitar em suas dimensões. Não nos referimos, entretanto, às almas que ainda têm sede ou necessidade de experiências materiais, pois essas vivem sob diferentes leis, das quais não tratamos aqui.

* * *

Quando acontece a morte do corpo físico e, depois, dos corpos menos densos, esses veículos se dissolvem, liberando assim os átomos que os compunham e que estavam por eles condicionados. Passa a existir, então, por parte do ser, muito menor oposição a tipos mais sutis de energia. Se não morrêssemos em nossos níveis humanos,

não poderíamos perceber outras esferas de consciência além do esquema planetário terrestre.

A evolução da humanidade como um todo depende de ela poder lidar com energias mais elevadas. As forças materiais, por si mesmas, apesar de sustentarem as qualidades externas do corpo físico, não têm ainda a possibilidade de proporcionar ao homem o desenvolvimento superior ao qual ele se destina. Tampouco têm condições de manter o astral, o mental e mesmo o etérico em perfeito estado de saúde e de vida. Os corpos da personalidade, que sofrem de um desgaste natural ao desempenhar seu papel, podem restaurar-se apenas até certo ponto, valendo-se dos conhecidos sistemas revitalizadores próprios da existência na superfície da Terra. Para sua completa recuperação, são necessárias energias que fluem de outros esquemas planetários, ou de outros níveis, e que fazem parte do perfeito trabalho de cooperação que existe no Universo.

Poderíamos dizer que várias influências vindas de fora da órbita terrestre contribuem para a evolução do homem que, hoje, pode adquirir condições de expandir-se em consciência para esferas mais amplas. Importante é que tenhamos bem claro, a fim de não resvalarmos em terrenos supersticiosos, que, ao referirmo-nos a outros mundos, não estamos falando especificamente de astros conhecidos pela astronomia e de planetas vistos fisicamente nos céus. Tratamos aqui das esferas de consciência que correspondem a mundos deste sistema solar ou de outros; mundos que eventualmente podemos até classificar e denominar, mas cuja existência não se restringe aos planos materiais.

Será impossível contatarmos certas realidades interiores do Universo se determinadas qualidades não forem desenvolvidas durante nossa encarnação. Se nossa capacidade de compreensão limitar-se a atender pessoas a quem preferimos ou grupos com os quais estamos identificados, e se não obtivermos sadio companheirismo para com todos os seres, não poderemos aproximar-nos do que se chamaria estado evolutivo de Mercúrio. Cada planeta que se encontra concretamente no espaço é reflexo, no plano físico, de determinado estado de consciência. Entraremos na esfera de consciência de Mercúrio quando formos capazes de estar lúcida e indiscriminadamente em contato com a essência dos seres, e chegaremos a esse elevado grau apenas se começarmos a desenvolver tal qualidade em nossa vida humana, em nossos atos, sentimentos e pensamentos.

A religiosidade que o homem, enquanto ainda encarnado, faz crescer em si mesmo possibilita, depois de sua morte, a viagem até a chamada consciência venusiana, onde experimenta a ligação de seu ser com níveis muito sutis e elevados de vida, e vivencia a união de maneira inédita. Por religiosidade, entretanto, entendemos a busca da ligação com a supraconsciência[4], e não qualquer crença representada por religiões organizadas. Se o indivíduo se fanatiza por uma religião formal, sente-se estranho ao receber os ecos dessa esfera de consciência extraterrestre. Quando, por outro lado, é suficientemente aberto para que se lhe torne acessível a passagem pela consciência venusiana, recebe, por meio desse contato, energias adicionais para suas novas encarnações sobre a Terra e para o desenvolvimento do ser interno em vários níveis de existência.

[4] **Supraconsciência:** vide glossário.

É sempre preferível que, durante nossa encarnação, tenhamos sido treinados a abrir-nos para a Fonte Única de todo o conhecimento, e que não tenhamos limitado nossa busca a uma só linha do saber. Quando já prontos para o ecletismo e para novas formas de emanações divinas, ao aproximar-nos do Sol, podemos experienciar uma universalidade significativa. Para isso, a abertura e a disposição para a verdade não sectária devem ser desenvolvidas enquanto estivermos na Terra. Sem isso, ao tocar-se a consciência solar, o que se sente é uma grande solidão. É importante prepararmo-nos para o estágio na esfera solar, pois dela também trazemos a força necessária para a construção do corpo etérico que usaremos numa eventual encarnação seguinte.

De cada um dos corpos da personalidade que se desintegra durante o processo da morte que estamos estudando, permanece um átomo, chamado na psicologia esotérica de átomo permanente[5]. É a síntese das experiências feitas naquele corpo que foi abandonado e é o que atrai as novas partículas para a formação da futura personalidade. Durante esses contatos com esferas de consciências extraterrestres, contatos que podem ocorrer mais facilmente nos intervalos entre as encarnações, enriquecemos nossos átomos permanentes e absorvemos a energia necessária para a criação de nossos próximos corpos. Dessa maneira, eles não são feitos apenas de elementos da Terra, e continuam também mais tarde a ser alimentados por energias sutis, conforme mencionamos.

* * *

[5] **Átomo permanente:** vide glossário.

Outro ponto importante a ser desenvolvido pelo indivíduo durante a sua encarnação, para que sua vida, liberto dos corpos da personalidade, seja a mais proveitosa possível, é o treinamento de colocar a atenção no centro da própria consciência, nos momentos de recolhimento. Aprende-se assim a tomar contato com as ideias vindas da alma e a perceber quão diferente é a vibração delas ao compará-las com aquelas puramente mentais. Se tais ideias superiores, vindas da alma, não forem absorvidas pelo homem durante sua encarnação terrestre, ele não suportará os puríssimos eflúvios da consciência solar, sentindo-se aturdido por eles.

As ideias espirituais elaboradas por um ser encarnado transformam-se em verdadeiros vórtices de energia depois da sua morte. Desenvolvidas pelo estudo profundo e reflexivo, vitalizam-se ainda mais quando a consciência abandona o plano denso, e apresentam-se como os mais importantes elementos a ser usados no preparo da encarnação seguinte. Assim sendo, uma vida voltada somente para o desenvolvimento físico, concreto, tecnológico e meramente material do ser humano, redundará na perda de oportunidade durante os estágios extraterrestres e consequente desvitalização dos futuros corpos da personalidade.

Se tais atitudes básicas não forem conscientizadas e vividas positivamente pelo homem, faltarão a ele forças necessárias para encarnações plenas e sadias – a decadência e a atrofia de sua vitalidade estarão sempre presentes. Portanto, o trabalho evolutivo e as transformações que nos propomos fazer em nossas vidas materiais são importantes não só por abrirem espaço para certas experiên-

cias que a alma passa a poder fazer na Terra, mas também como preparação para um futuro mais sutil.

Uma vida realmente útil ao Plano Evolutivo depende da ativa cooperação com leis de mundos e esferas relativamente desconhecidas, e a qualidade dos corpos que usamos está ligada ao que fizermos em consonância com as normas gerais que passaremos a descrever mais detalhadamente.

As normas gerais

Tanto a vida depois da morte quanto as futuras encarnações sobre a Terra são preparadas enquanto ainda estamos nos planos físico, emocional e mental. O relacionamento entre os indivíduos nos mundos sutis também será segundo a qualidade dos contatos estabelecidos enquanto estamos encarnados. Se temos intenção de aprimorá-lo, precisamos fazê-lo durante a vida humana. Portanto, é essencial viver bem o *agora*.

Se, entretanto, estando ainda vinculados à existência material, quisermos continuar aperfeiçoando nosso relacionamento com alguém que tenha já desencarnado, não é aconselhável fazer isto diretamente. Conforme vimos, não devemos atrair para os níveis densos a atenção dos que têm de continuar seus processos do outro lado do véu. Basta-nos prosseguir no trabalho de aprimoramento de nosso próprio caráter, pois à medida que evoluímos, toda a humanidade evolui, sendo ela uma só vida. Mesmo que seja em pequeno grau, todos os indivíduos crescem em consciência, usufruindo do trabalho que fizermos em nós mesmos. Quem está desencarnado também pode ser estimulado pela nossa vibração e pelo nosso progresso, re-

cebendo impulsos por meio de uma telepatia natural e não intencional. Fará consigo próprio as transformações que forem possíveis e terá para isso toda a ajuda que lhe couber dos planos sutis da vida, como veremos a seguir.

As ajudas desses níveis são várias. A principal delas provém de um ser sempre mais evoluído que o indivíduo, ser que transmite estímulos diretamente ao núcleo reencarnante. Outra ajuda efetiva vem da irradiação do próprio grupo de almas ao qual o indivíduo pertence. Em geral esses grupos são muito antigos, e seus membros vêm caminhando juntos há milhões de anos. Com a atual ampliação da consciência do planeta Terra, está ocorrendo uma abertura na humanidade para esses assuntos, permitindo assim que maior número de grupos de almas passe a funcionar como unidades de serviço ao Plano Evolutivo.

O ser evoluído que ajuda nossa alma é chamado, em linguagem esotérica, de Mestre. Observa nosso desenvolvimento interior e estimula-nos em alguns momentos críticos, para que não percamos oportunidades cíclicas de dar passos importantes para desenvolvimento nosso e do serviço. Estabelece contato conosco em níveis supramentais e não em nível de personalidade. Esta última apenas vai tendo notícia da sua existência e da sua atuação benéfica à medida que se dispõe ao silêncio interior e que se presta a servir de maneira altruísta e cada vez mais ampla.

Se a personalidade age e vive conforme às leis cósmicas, abre-se a esse processo interno. Pode então perceber o que se passa em planos supramentais e participar conscientemente da vida espiritual de seu grupo, bem como do trabalho do Mestre junto à própria alma. Essa é uma aventura que muitos esperam viver em um próximo futuro, quando

a consciência planetária alcançar certo grau de desenvolvimento, e, com isso, estimular determinados progressos na evolução dos seres humanos.

O trabalho durante a encarnação física, emocional e mental pode ser visto como uma dupla tarefa: por um lado, visualizar os assuntos evolutivos da alma e concentrar-se neles, o que leva a energia do homem a focalizar-se na cabeça, trazendo como consequência uma nova vibração para sua vida cotidiana. Por outro, prestar serviços, porém com o coração, sem manipular assuntos alheios e sem interferir na vida de quem quer que seja.

Há perguntas fundamentais que podem ser feitas para o clareamento dos motivos que nos levam a servir. Purificando-os e elevando-os, transformamos nossas ações egoístas e a vibração do trabalho normal torna-se serviço impessoal e desinteressado. Essas perguntas são: "Estou servindo a alguém ou a Deus?" "Estarei querendo algo em troca do serviço que estou prestando? "

A energia posicionada acima do diafragma e a concentração da mente na ideia mais elevada possível (de servir desinteressadamente) atraem um tipo de vida, de relacionamentos e de circunstâncias adequados para que a evolução se dê de maneira desimpedida. Quando o indivíduo deixa de visar resultados pessoais, sua energia não é levada para pontos inferiores, mesmo na presença das forças contrárias ao seu progresso. As condições de sua existência após desencarnado são também superiores às do homem comum. As oportunidades, como vimos, apresentam-se à medida que sua compreensão se amplia, incluindo elementos que o mundo material não poderia proporcionar-lhe. Sua alma consegue, assim, com bastante vigor, produzir uma puri-

ficação em si própria e, consequentemente, obter maiores oportunidades de serviços ao Plano Evolutivo.

Enquanto uma perfeição suficiente não é conseguida, as almas reencarnam continuamente. Pode acontecer porém que, em um futuro próximo, passem a fazê-lo em ritmo diferente. Atualmente, preparam-se grandes contingentes de almas de relativa evolução (almas que já se agrupam com a finalidade de servir) para permanecerem nos níveis sutis de consciência por um longo período, pois sobre a Terra poderão ser temporariamente criadas condições pouco favoráveis para suas vidas. Passarão a servir e a trabalhar a partir do mundo interno, ajudando os que permanecerem encarnados ou os que reencarnarem nos séculos futuros. Estamos, portanto, diante de escolhas profundas, escolhas que não se realizam em nível de personalidade.

As encarnações do homem comum suprem a necessidade de experiência que sua alma ainda tem de viver na matéria densa, mas as de um indivíduo que se está voltando para o serviço altruísta e para o bem generalizado contêm aprendizados específicos para que ele se torne cada vez mais útil.

Uma encarnação não é um fato isolado na vida de uma alma: é parte de uma sequência de experiências que, ao término de determinados ciclos, levam o homem a voltar-se para o seu verdadeiro destino, que é cósmico. Assim sendo, as encarnações não têm todas o mesmo grau de importância: algumas são de repouso, e nelas o indivíduo pouco atua, recompondo-se de fadigas anteriores; outras são de trabalho, nas quais ele luta com as forças da matéria; e há ainda outras que são verdadeiro serviço,

quando a alma pode fluir através dos corpos da personalidade e realizar, assim, parte da necessária cura planetária. Em *HORA DE CRESCER INTERIORMENTE: O Mito de Hércules Hoje*[6], descrevi as etapas evolutivas da alma em seu processo de aprender a servir.

* * *

Um ser relativamente liberto de vínculos físicos, emocionais e mentais pode vir à encarnação com propósitos bem definidos, por exemplo, o de colaborar com a evolução planetária. Nesse caso, passa desencarnado períodos mais curtos do que seria normal. Outros já vêm sob a orientação de um Mestre e aproveitam as conjunturas materiais para resolver também seu próprio carma, tornando-se assim mais livres e, portanto, mais úteis ao Plano Evolutivo. Quanto mais liberto de assuntos humanos, mais útil o indivíduo pode tornar-se.

O Mestre, nos momentos cruciais das crises de um ser, pode orientá-lo e ajudá-lo a dissolver o próprio carma, uma vez que conhece bem os seus discípulos.

Finalmente, há os que vêm não por motivos próprios, mas para serem veículos de algum grande mensageiro evolutivo que não mais encarne. É conhecido o exemplo da energia cósmica de amor-sabedoria, que encontrou em personalidades como Krishna, Gautama e Jesus adequados canais de manifestação. Outros casos, de menor amplitude do que esses acima, que aconteceram no decorrer da história universal conhecida, as filosofias apresentam-nos como expressões elevadas da espiritualidade.

---

[6] Irdin Editora.

Na época atual, no entanto, fatos notáveis estão acontecendo de modo mais generalizado, e almas evoluídas podem usar, mais facilmente do que no passado, veículos bem-intencionados e prontos para uma ação benéfica.

Tive uma experiência nesse sentido. Certo dia, constatei que minha mente não conseguia ver determinado ponto de maneira mais ampla, conforme era necessário. Ao perceber essa limitação, abri-me ao centro da minha consciência, o que equivalia a um pedido de ajuda. Quase instantaneamente observei que outra mente "pensava" dentro da minha. Não havia nisso nenhuma imposição por parte desse outro ser, mas apenas uma demonstração do que alguém mais evoluído podia fazer à minha consciência. Ele, que veio "pensar" dentro da minha mente, assim procedia para que esta percebesse que se pode pensar de modo diferente dos esquemas nos quais estamos habituados ou condicionados. E, a partir do momento que sua mente se retirou da minha, que havia ficado lúcida durante todo o tempo dessa vivência, eu já podia observar novas formas de pensamento criadas por meu próprio corpo mental e cérebro que, tendo estado em contato com uma mente superior, passaram a vibrar de modo diverso. Pude ver, daí por diante, ângulos mais abrangentes do que aqueles que me eram até então acessíveis, com relação a vários assuntos de utilidade grupal.

* * *

Todas essas considerações podem levar-nos a compreender melhor porque no pequeno mundo em que vivia, e no limitado ambiente de sua encarnação terrestre, Coaraci não teria todas as oportunidades que seu ser interior precisava.

No seu caso, era necessário que desencarnasse para que conhecesse outros níveis de realidade. Há momentos da evolução da alma em que passar um período fora dos corpos, desidentificada das ilusões grosseiras da forma, é extremamente necessário. Foi o que aconteceu com Coaraci.

Envolvido com a criação de gado para corte, e outras atividades que não fazem parte do Plano Evolutivo, ele não poderia entrar em diálogo mais profundo com o seu próprio ser e conhecer tantas possibilidades hoje abertas para o homem. Naquela tarde, perto da Paineira, percebi que Coaraci estava evoluindo, e que para isso precisava estar fora do Monte Santo físico e convencional. Era uma constatação real para mim, durante aquela peregrinação às terras de ninguém. Percebi também, naquele momento, que não havia exatamente uma vida de Coaraci, uma vida individual minha ou vida de pessoa alguma; não havia a vida da Paineira e nem de Jambo. Percebi que havia, sim, uma Vida Única a falar por meio de todos esses seus prolongamentos.

Neste sentido, o próprio Coaraci estava ali conosco, naquela tarde clara e sem chuva, quando atravessávamos os milharais para chegar ao centro de Monte Santo.

A existência não tem conotações pessoais ou individuais, mas inclui Coaraci, a Paineira, Jambo e tantos outros seres, nos infinitos reinos do universo. Senti, então, naqueles momentos em Monte Santo, que a totalidade de nossas encarnações é uma só vida, uma só experiência subdividida em fases, e a esse propósito retorno àquela experiência que descrevi no capítulo intitulado "Inicia-se a Viagem".

O avião que metralhava minhas costas perfurava o veículo físico que não era o atual. Aquele tórax, que eu

sentia crivado de balas que não me causavam dor ou qualquer tipo de incômodo, era de um corpo de uma antiga encarnação minha, indiana, e o ambiente do Congo, onde a ação se passava, era típico de outra, anterior. Outros elementos daquele mesmo quadro vivo eram recolhidos de uma memória milenar, que não posso controlar nem ordenar cronologicamente. Partilho apenas que, naquela experiência, todo o passado estava sintetizado. No momento em que ela ocorria, minha consciência era a do presente, e sabia que estava na Europa, continente onde me encontrava naqueles momentos da experiência, dormindo. Todos os amigos com os quais me relacionava na época também estavam ali, mas não com seus corpos – estavam dentro de uma Presença Única. Via minhas limitações, os medos do subconsciente e a fé na supraconsciência; toda a segurança e toda a insegurança, toda a paz e todo o conflito num único quadro. Havia, perfeitamente sintetizadas, todas as mortes anteriores e a certeza da ressurreição permanente. Não era possível, ali, separar morte de vida, e tampouco dividir a vida em compartimentos.

O avião e a metralhadora, inofensivos, estão vivos agora e sei que nada se apaga. Todos os acontecimentos passados e futuros convivem no presente, mas a certeza de que a vida está além dessas sínteses e dessas percepções é um fato. A vida tudo inclui, mas, inexplicavelmente, está além de tudo. Experienciando essa percepção, sinto-me já em encarnações futuras e vivo o que está ocorrendo nelas, embora sem estar ligado a fatos concretos. O que existe é uma consciência em expansão.

O passado e o futuro estão *aqui*.

Quarta Parte

Mais luz sobre o processo

A época vindoura deve libertar
a humanidade de toda a escravidão.

Não a magia artificial,
nem o esbugalhar dos olhos,
nem a posição das mãos,
mas sim o fogo do coração
é que liga os mais sutis aparelhos.

Morya

Dúvidas esclarecidas

Como muitos pais, os de Coaraci também guardaram um sentimento de culpa diante de sua morte. Um fato considerado drástico sempre traz maior reflexão, bem como os medos passados e a culpa, sentimento que com o tempo o homem superará.

Ao fazermos o que for necessário na ocasião propícia e conforme nossa consciência mandar, e ao entregarmos o resultado de toda a ação à vida universal para que ela utilize a energia dos nossos atos no que for melhor e mais útil, liberamo-nos do sentimento de culpa. A culpa é um estado próprio de quem ainda não realiza, na prática, o que dentro de si mesmo é um potencial visível, que começa a ser reconhecido.

À medida que percebemos esse potencial interno, podemos abrir-nos ou não à sua atualização e, dependendo da nossa atitude diante disso, vem-nos a culpa ou a liberdade. Nosso potencial é coligado com o de milhões de indivíduos. Assumindo o que esse potencial interno nos está sugerindo e por estarmos em contato com essa misteriosa rede universal de energias, muitos seres passam por um processo mais acelerado de desenvolvimento.

Ninguém é diretamente responsável pelo que não está ainda percebendo, mas a partir do momento em que se reconhece o próximo passo a ser dado na caminhada evolutiva, pelo menos um movimento inicial é para ser empreendido. Quando isto é feito, advém uma inexplicável paz.

Além disso, ninguém pode expressar o que ainda não é. Por isso, inútil seria sentir culpa. Diante da própria vida, na realidade cada um faz o que pode, e quando pode. Nas decisões entra, em parte, o livre-arbítrio, mas a qualidade das escolhas depende realmente do ponto evolutivo de cada ser. Neste campo, é óbvio, somos o que somos e manifestamos o estado em que nos encontramos.

Se refletirmos assim, que restará do nosso antigo sentimento de culpa? Se vemos, hoje, que não faríamos jamais o que fizemos ontem, é sinal de progresso e não motivo de culpa! O remorso não passa de uma distorção de um sentimento que deveria ser positivo, ou seja, o agradecimento por termos percebido uma mudança em nossa consciência. Sim, o ato desequilibrado serviu-nos para perceber isso. O remorso, quando persiste, está demonstrando que não nos decidimos ainda pela mudança de atitude. Quando passamos a agir de modo diferente, o remorso tende a diluir-se ou a nem aparecer.

* * *

O medo, por sua vez, é resultado, também, da atividade mental mal-orientada. Estando a mente direcionada para a meta correta, o medo não surge. Sabemos da vastidão da Vida Única, e essa imensa e inconcebível grandeza, de certo modo, "assusta" nossos aspectos sensoriais. Na verdade, poderíamos dizer que são nossos sentidos que têm medo,

pois sofrem a pressão da presença da totalidade das vidas existentes e, como ainda não se sentem unificados com elas, essa totalidade se lhes apresenta como algo externo e atemorizante. Assim, influenciados por esses aspectos sensoriais, somos levados a perceber-nos ainda como pessoas isoladas e não o que realmente somos: células da mesma Vida. À medida que amamos e nos doamos a alguma causa ou serviço altruísta, sem nada esperar em troca, elevamo--nos para a consciência dessa totalidade e o sentimento de inadequação vai-se dissolvendo.

A psicologia esotérica cita alguns medos básicos do homem: da morte, do futuro, da dor física e do fracasso. Desde tempos imemoriais sabe-se que o medo da morte é fruto de ignorarmos o que se passa no processo de restituição dos corpos aos reservatórios gerais das energias. As religiões, em sua maior parte, agravam essa situação, colocando os indivíduos diante do fato da morte sem dar-lhes uma ideia clara do que consiste essa experiência. Tal abordagem pode até ser justificada sob alguns pontos de vista, mas avaliá-la não é campo de interesse em nosso presente estudo.

O medo do futuro, segundo a psicologia esotérica, pode nascer devido à qualidade antecipatória da mente, qualidade que, mais tarde, se transformará na interiorização e na visualização intuitiva. Enquanto, porém, ainda não funciona com todo o seu potencial, projeta sofrimentos e lembranças sobre o momento presente.

A alma, que vive no *eterno-agora*, pode também antecipar lampejos do que, em seu nível, está claro a respeito do porvir. Como ela vê passado-presente-futuro em um só quadro, tem capacidade de passar à consciência do in-

divíduo chispas dessa visão, como primícia de um estado que pertence a uma fase posterior, ainda não realizada no desenvolvimento de sua personalidade. O indivíduo, condicionado à sua própria visão do presente, pode mais uma vez ficar atônito diante dessa antecipação. Sua mente humana vê-se frente a uma possibilidade grande demais para si, e não consegue detectar qual a origem de tal sentimento mal dimensionado.

Medos e sentimentos negativos alheios também podem ser incorporados à nossa aura sensitiva e tomados como se fossem nossos. A mente individual tem capacidade para captar do mental coletivo muitos acontecimentos, nem sempre positivos, transferindo-os para si mesma ou para o próprio cérebro. Assim um indivíduo poderá manifestar apreensões pelo que não está ocorrendo diretamente consigo. Por exemplo, um desastre que está por acontecer em algum lugar, quiçá distante, pode ser captado como algo que acontecerá consigo. Outro exemplo: muitos, hoje em dia, já estão captando a próxima catástrofe total da economia no mundo e temendo que seja algo a suceder consigo em particular. Redobram-se, nesses casos, o medo do futuro e o receio de passar privações. Tais antecipações podem ser infundadas, visto que há sempre fatores cármicos determinando as provas pelas quais necessitamos passar. Por essa razão, ocorre frequentemente o caso de coletividades viverem determinados processos, enquanto, dentro delas, indivíduos têm experiências opostas.

Quanto ao medo da dor física, pode ser resultado do esforço exagerado que se impõe ao corpo em certos momentos. O subconsciente dá o sinal de que há um desequilíbrio, usando para isso o medo de ter, um dia, dor física. Se

refletirmos sobre o que porventura estivermos fazendo de inadequado para o nosso próprio corpo físico, esse tipo de medo pode abrandar-se. A tensão que o raciocínio exerce sobre o sistema nervoso, por exemplo, torna-o excessivamente sensível e aberto à dor física. A mente antecipatória traz então esses elementos para a consciência, e mais esse medo surge no homem. Diz-se que muitas doenças se agravam por tal motivo.

O medo do fracasso é resultado de vivermos em ambientes que nos depreciam. A sociedade atual, fadada a uma profunda e radical transformação, baseia-se principalmente na competição, nas comparações, na luta pela liderança e em tantas outras formas ilusórias de imposições. Isso nos traz, sem que percebamos, a ideia de que temos dotes inadequados para as tarefas que nos são destinadas. Habituados pela educação doentia a comparar-nos e a confrontar-nos com nossos semelhantes, é comum que fiquemos insatisfeitos com as próprias possibilidades. Na realidade, cada um é útil com as qualidades que possui e nada tem que ver com os dotes do outro, que terão diferente serventia. Aliás, sabe-se que nem todas as nossas qualidades se manifestam em uma encarnação; muitas delas permanecem ocultas, porque não seriam úteis ao destino traçado para aquela etapa específica. Um homem pode então lamentar-se por não ter um dom que, na realidade, possui e que é mantido oculto por não ser útil na conjuntura de sua vida atual.

O sentimento de inadequação pode estar demonstrando que visamos algo que não nos é destinado naquele momento. Se estivéssemos canalizando atenção e energia para a nossa própria e verdadeira tarefa, verí-

amos que estamos preparados para ela, e que de nada mais precisamos além da total entrega ao serviço para desempenhá-la corretamente.

Nesta época, entretanto, o sentimento de inadequação pode também ter outra origem. Dadas as necessidades planetárias, e dado que o número de indivíduos evoluídos não é suficiente para a grande obra a ser realizada sobre a Terra, estão sendo oferecidas, a todos aqueles que estiverem dispostos a servir evolutivamente, oportunidades maiores do que a sua capacidade consciente. É que tais tarefas a nós atribuídas contam com nosso potencial oculto, potencial que, diante delas e da responsabilidade por executá-las, manifesta-se mais rapidamente, não permanecendo por muito tempo sepultado no inconsciente. Assumi-las corajosamente atrai uma capacidade desconhecida que começa a dissolver os sentimentos de fracasso logo nos primeiros sintomas de sua presença. Aceitar com coragem os trabalhos mais complexos que os que até então fazíamos cura-nos dessa espécie de medo, desde que esses convites venham, realmente, de níveis inteligentes e não de impulsos instintivos, emocionais ou mentais engendrados pela ambição humana.

Se examinarmos quantas horas perdemos entregues ao medo e às preocupações, e se constatarmos que nada disso transformou o que tinha de ocorrer, vemos quão inútil foi desperdiçar energia dessa forma. O que precisava acontecer, sucedeu, apesar de tudo – nossas apreensões só trouxeram mais desgastes e nenhum resultado positivo. As soluções vêm de outra região, que é contatada à medida que o medo é dominado e as preocupações desvalorizadas – porque são inúteis.

"Quantas horas gasto preocupado com premonições, com dúvidas e com indagações supérfluas? Quanta energia coloquei em imaginações em torno do que nunca aconteceu?" São perguntas que se podem fazer à própria mente antecipatória para acalmá-la.

Fora da prisão

Retomemos a história de Coaraci, o qual expandia sua consciência, libertando-se das sucessivas camadas de matéria densa e subindo de nível em nível. Os que eram ligados a ele, e que continuavam encarnados, também foram sentindo impulsos internos e passaram por uma transformação. Sendo a vida única e a humanidade um só corpo, sempre que um de seus membros ascende para realidades mais sutis, todos os demais, proporcionalmente à própria abertura evolutiva, crescem em consciência. Assim ocorreu com os pais de Coaraci e com todos os que conviveram com ele.

Parte do sofrimento do ser humano vem do fato de mudanças físicas ou mentais serem feitas bruscamente. Quando há morte por acidente, esse sofrimento pode estar presente, por algum tempo, nas pessoas que assistem ao acontecimento, ou que passam pelos seus impactos. Do mesmo modo, uma brusca mudança mental pode acarretar sofrimento temporário antes que os átomos daquela mente, que temem o inesperado, acomodem-se em novas posições.

Quando os pensamentos se prendem às questões do corpo físico, e quando os sentimentos do indivíduo se

mantêm aferrados aos desejos do corpo astral, e há relutância em abandoná-los, o sofrimento aumenta, bem como o temor pelo futuro.

A sociedade de consumo muito contribui para que desejos de conforto, de lazer e de inércia predominem no homem. Tudo isso acarreta conflitos, principalmente subjetivos, pois a natureza do eu superior busca manifestar o oposto do que em geral é mantido na vida normal por milhares de seres que, entregando-se aos hábitos sociais comuns, aceitos pela maioria, deixam de sintonizar-se com suas verdadeiras necessidades internas. Em quase todos os setores da vida, pode-se notar essa dicotomia.

Outra, entre as muitas razões do sofrimento humano, está diretamente ligada ao nosso relacionamento com o Reino Animal. Pela lei de causa e efeito, enquanto maltratarmos os animais e os matarmos para nossa alimentação, haverá sofrimento neste planeta. As penas que lhes acarreta o homem retornam a ele aumentadas pelo padecimento de todo o reino. Podemos ajudar a equilibrar esse fato que ainda vigora agindo de maneira diversa com animais que se encontrem dentro do nosso âmbito. Todos os seres ainda não individualizados são parte de uma só alma, ou vida, e retornam à consciência dela logo que desencarnam levando as experiências feitas no plano físico. Portanto, atitudes benéficas que temos para com eles entrarão na experiência geral do reino, facilitando assim seu crescimento na correta direção.

A propósito disso, conheci alguém que tratava fraternalmente de alguns pássaros em gaiolas. Interiorizado, percebeu que grandes núcleos de energia evolutiva, ligados a

eles, faziam-se presentes com uma luminosidade especial. Isso era, para aquela pessoa, um sinal de que deveria continuar cuidando deles, embora houvesse um preconceito quase geral de que pássaros nunca deveriam estar engaiolados.

Apesar de ser essa uma verdade básica, internamente se via que ali, resguardados e tratados com amor, tais pássaros aprimoravam facetas que outros não podiam desenvolver. O contato direto com o ser humano, quando este é amoroso, estimula de modo especial os pássaros prontos para isso. Os que permanecem livres estão trabalhando determinados aspectos, ao passo que estes, nas gaiolas, trabalham outras qualidades: ocupam-se de amar quem os mantém; não precisam sair à cata de alimento nem de água; e tampouco de abrigar-se do frio. No caso que estamos examinando, a canalização de tal amor redundava em um canto sublime, raro naquela espécie de pássaros. Percebemos ainda, em um dos mais canoros, que havia até mesmo um princípio de pensamento embrionário em atividade.

* * *

É vasto o campo de serviço junto aos exemplares do Reino Animal que se aproximam de nós, trazidos pelo carma ou por oportunidades especialmente preparadas pelo Plano Evolutivo. Assim, vista sob esse ângulo, a questão do sofrimento humano está ligada à nossa maior ou menor capacidade de reduzir a dor de outros reinos, especialmente o Animal, um dos mais maltratados da Terra.

* * *

O sofrimento dos pais de Coaraci era também devido a eles não saberem, conscientemente, quais teriam sido os

últimos pensamentos do filho. Internamente todos sabemos quão importantes são as ideias que temos pouco antes de desencarnar. Qual teria sido a situação de Coaraci naqueles momentos derradeiros em contato com a vibração material? Por meio desta indagação, podemos chegar a úteis constatações.

Quando a energia vital está retirando-se do corpo físico, os últimos pensamentos do indivíduo, em grande parte, determinam a natureza do ambiente que terá em uma próxima vida sobre a Terra. Portanto, mantê-los positivos durante esses momentos, nos quais se usa ainda a energia da mente, "reveste" de material favorável o átomo que permanece na memória da alma, átomo que atrairá o material dos corpos que irão compor a futura personalidade. Junto com esse material, vem o que corresponderá ao ambiente no qual o indivíduo irá encontrar-se quando reencarnar. É claro que além dessa atitude determinante nos últimos momentos, adiciona-se também o carma passado de quem reencarna.

* * *

Outro momento importante e ao qual se deve ficar atento ao desencarnar é aquele em que se percebe que o tempo e o espaço, tais como os conhecemos, não existem. Se nos adaptarmos facilmente à nova vibração que nos é apresentada parcialmente nos sonhos ou em momentos de interiorização, mas de maneira bem clara durante a agonia ou estado de coma, se não resistirmos a essa nova vibração, determinaremos um corpo etérico mais flexível para a nossa próxima experiência quando encarnados. Como sabemos, a lição que podemos receber durante um sonho,

sob esse aspecto, é grande. Em poucos momentos do relógio passam-se séculos na vida onírica; bem como em um longo sonho, que dura horas, vive-se uma experiência rapidíssima. Esse treinamento que temos enquanto encarnados, por meio da vida de sonhos, é muito útil para o momento da transição, quando não só vemos passado-presente-futuro em um só quadro, como também experimentamos outros fatores tais como acontecimentos simultâneos, sínteses abstratas, enfim, toda espécie de eventos que contradizem nossas ideias de cronologia natural. A experiência que descrevi a respeito do bombardeio do avião manifesta em parte essa vivência. É bom que fiquemos calmos e bem naturais diante de tais revelações, para que o átomo permanente etérico se abra desde já a energias inesperadas, tornando-se assim permeável à saúde em vários níveis, na próxima encarnação.

* * *

O terceiro momento importante durante o processo da morte é aquele em que se compreende a ilusão fundamental que constitui o mundo das formas. Podemos ter isso completamente claro apenas nos últimos instantes, quando toda a encarnação que está terminando aparece-nos sintetizada em um só quadro, conforme já foi descrito. Vê-se que os acontecimentos da vida são como elementos de um sonho e que em nada havia a consistência que se pensava existir. Se a nossa compreensão da ilusão da materialidade do mundo permanece até o fim da nossa experiência diante desse quadro, o corpo astral que se formará na encarnação seguinte será mais adequado aos trabalhos de grupo e poderá ser flexível aos assuntos de carma coletivo. Assim, em vez de reencarnar excessivamente

centrado em seus próprios assuntos, o homem virá com maior abertura para assuntos evolutivos e gerais, facilitando, desse modo, a organização apropriada da conjuntura cármica de que fará parte.

A lei do carma é flexível em alguns de seus detalhes e, sempre que possível, o destino atribui-nos tarefas mais amplas e altruístas, tarefas que não visam apenas ao aspecto material e denso da vida. Essa possibilidade de abertura, tão necessária para um indivíduo quanto para grupos e para a humanidade como um todo, é uma das conquistas mais importantes nos tempos presentes.

* * *

O carma do planeta pode ser aliviado pelo clareamento do carma individual de cada ser que vive em sua órbita, e isso pode ser feito à medida que pensamentos, sentimentos e ações se tornam mais altruístas e menos centrados nos pequenos egos humanos. Essas são realidades fáceis de se compreenderem, mas não tão simples de se porem em prática. Entretanto, se reconhecermos, a cada momento, quais foram as consequências dos nossos atos, sentimentos e pensamentos, e se, imediatamente depois, nos dispusermos a agir de modo a equilibrar o que fizemos, não é necessário nenhum sentimento de culpa e nenhuma dúvida.

O passado ficou para sempre registrado no éter universal e integrou-se ao cosmos. O próprio indivíduo se encarregará, no futuro, de equilibrar parte dele, e o Universo, com suas infinitas possibilidades, cuidará do resto. Portanto, que não se perca energia em alimentar culpa ou sofrimento pelo que passou e pelo que pode até mesmo já ter sido transmutado.

Ao alimentarmos uma dúvida ou uma culpa, fazemos trabalho contrário ao da energia evolutiva, que, eventualmente, já as está transformando. Hoje, Coaraci não é mais Coaraci como o descrevemos. É energia em outro estado, energia sem nome. Ninguém sabe quanto tempo essa energia permanecerá desencarnada ou se retornará proximamente. Acontecerá como for melhor.

As almas vivem hoje uma etapa de profundas decisões. Algumas estão escolhendo permanecer milhões de anos fora da encarnação; outras preparam-se para continuar voltando à vida material terrestre a fim de reconstruí-la; outras ainda serão conduzidas para outros esquemas planetários, como já se disse. Dentre estas últimas, algumas serão as que não puderem acompanhar o desenvolvimento espiritual e interno da consciência deste planeta e que ficariam aqui sempre em conflito, sem conseguir manifestar-se plenamente. Sendo encaminhadas para outra área do cosmos, menos evoluída, chegarão lá com a experiência já feita na Terra e poderão assim desenvolver, muito mais do que aqui, suas tendências mais profundas.

O mais importante é que a alma colabore conscientemente na escolha do seu caminho, e que ela se exprima onde quer que esteja vivendo. O plano cósmico se servirá de cada uma e terá amor tanto pela evolução geral quanto pelos processos individuais, pois inclui a todos em sua sabedoria. Nesse processo, cada alma sente-se a mais amada de todas, o que constitui grande mistério para a mente analítica; mistério, porém, que pode ser vivido com clareza sempre que a mente se aquieta, e que a consciência se recolhe em seu próprio centro.

Os que assumem o processo de aquietamento e de interiorização equilibradamente passam por essa experiência.

Após fases de ação mais ou menos intensas, chega-se à necessidade de aquietamento. Nesses momentos cíclicos, é bom atender à verdadeira necessidade para ser mais útil a grupos internos cada vez maiores, que estão a caminho de sua meta cósmica.

Glossário

Alma

No homem, é o núcleo reencarnante.

Átomo permanente

A síntese das experiências feitas no passado por um corpo do indivíduo.

Há um átomo permanente físico-etérico, um emocional (ou astral) e um mental. A cada encarnação esse átomo atrai outros para formarem os novos corpos temporários. Esses átomos permanentes, um para cada corpo, existem para efeito da reconstrução dos novos corpos, a cada encarnação, como se disse acima. Eles não são o que é chamado a individualidade, isto é, o núcleo interno e indestrutível do ser, que tem continuidade através de todas as experiências, através de todos os ciclos. A individualidade é algo mais profundo, e diz respeito à essência do ser.

Carma

Termo ligado à conhecida lei de causa e efeito vigente nos planetas materiais, segundo a qual toda a ação, sentimento e pensamento de uma pessoa produzem efeitos de natureza similar, que retornam a quem os gerou. Em outras palavras, tudo o que fazemos, sentimos ou pensamos retorna a nós, seu ponto de origem, a curto, médio ou longo prazo. Em português, costuma-se empregar a

palavra destino para traduzir o termo carma. Contudo, ela não é suficientemente adequada para exprimi-lo. Observe-se que há um carma básico que deve ser, em princípio, totalmente aceito pelo indivíduo; só depois dessa aceitação inicial é possível transformá-lo. É a partir desse carma básico, que preexiste ao próprio nascimento físico, que cada ser vai construindo a trama da sua própria vida e, consequentemente, modificando o seu carma. Estamos continuamente criando o nosso próprio carma (positivo ou negativo) e transformando-o segundo nossas atitudes, desejos e aspirações. Em livros posteriores a este, o autor trata das novas leis planetárias que transcendem a lei do carma material (vide *A CRIAÇÃO – Nos Caminhos da Energia*, Irdin Editora).

Contraparte etérica

O corpo físico, seus órgãos e sistemas têm sua contraparte no plano etérico. Existem outras contrapartes dessa mesma realidade concreta nos demais planos de consciência.

Corpo etérico

É composto de éteres em quatro diferentes graus de densidade. Permeia, molda e vitaliza o corpo físico denso.

Corpos temporários

O corpo físico, o etérico, o emocional (ou astral) e o mental.

Desencarnar

Ato de a essência do ser abandonar os corpos físico-etérico, emocional (ou astral) e mental, para atuar nos níveis

internos por um período mais ou menos prolongado, voltando ou não a manifestar-se neste mesmo planeta.

Deus

Termo que se refere ao que de mais elevado alguém possa conceber. Em certos estados evolutivos, Deus é tido como um ser externo ao indivíduo; em estados mais adiantados, Deus é considerado uma essência de vibração divina, buscada inclusive dentro do próprio ser humano. E assim por diante, esse conceito varia com o grau de compreensão de cada um, e vai ampliando-se até que se pode tornar uma experiência realmente vivida: a da presença da realidade interna do próprio ser. Nesse campo, há quem tenha experiências ainda mais abrangentes.

Emocional e mental coletivo

Conjunto das emoções e dos pensamentos da humanidade, material psíquico de qualidade heterogênea e de vibração pouco elevada.

Fé

Uma das energias de núcleos interiores do ser, que exprime a consciência de se estar vivo e participando de uma vida indestrutível. A percepção da própria energia da fé não depende de nenhuma circunstância externa. Quando a fé se torna consciente, não é necessária nenhuma espécie de comprovação.

Individualização

Processo de formação do núcleo anímico ou alma. Começa no Reino Animal e, quando a alma surge como

núcleo de energia, dá-se início às etapas encarnatórias no Reino Humano. A fase humana desse núcleo desenvolve-se em outro esquema planetário, diferente de onde a individualização foi alcançada.

Interiorização

Estado no qual é dado ao consciente conhecer a vibração do nível da alma, e de outros além. Esse estado não pode ser provocado, mas instala-se quando a personalidade está pronta para ele, isto é, desobstruída dos obstáculos mais grosseiros, que normalmente impedem a fluência da energia superior.

Juízo

Antigo termo que designa época de seleção nas várias espécies dos diferentes reinos. Neste momento da vida do planeta Terra, está havendo um *juízo*, inclusive na humanidade.

Livro dos mortos

Conjunto de instruções divulgadas principalmente no antigo Tibete e no antigo Egito. Ensinavam como o indivíduo pode cooperar com o processo da desencarnação, vivendo essa experiência com atitude adequada.

Luz intuitiva

Compreensão sintética infalível que flui de níveis supramentais.

Medicina esotérica

O que é ainda não conhecido, ou oculto, é esotérico. Deixa de sê-lo quando se torna parte do conhecimento

normal. Portanto, o termo medicina esotérica não exprime a existência, ou ligação com alguma escola.

Morya

Ser evoluído, já liberto do processo encarnatório que, a partir de níveis superiores, trabalhou com e pela humanidade. Sua atuação no planeta Terra, quase sempre, foi esotérica, entretanto, um dos seus trabalhos que se tornaram explícitos consiste na série de ensinamentos avançados contidos nos livros editados pela Agni Yoga Society[1].

Atualmente é conhecido como Amhaj e tem como tarefa a regência de um dos núcleos energéticos mais potentes do planeta: o Centro Intraterreno Aurora (vide *AURORA – Essência Cósmica Curadora*, *A FORMAÇÃO DE CURADORES* e *A VOZ DE AMHAJ*, do mesmo autor, Editora Irdin).

Nível causal

O estado natural de consciência da alma. Nível da telepatia superior, que é a intercomunicação entre almas, nem sempre captada pelo eu consciente.

Níveis psíquicos

Os estados vibratórios que vivem o corpo etérico, o emocional (ou astral) e o mental. O plano etérico caracteriza-se por ser o mais parecido com o físico; o emocional caracteriza-se pelas forças dos desejos; e o mental é a área onde se desenvolve o livre-arbítrio humano.

---

[1] Publicados no Brasil pela Fundação Cultural Avatar, Niterói.

Níveis superiores

O mental-abstrato, o intuitivo, o espiritual e outros além. O nível mental tem subníveis considerados pensantes ou concretos, e outros superiores, denominados abstratos. O mental abstrato é também chamado nível de transcendência.

Plano Evolutivo

As sucessivas fases dentro da lei da evolução.

Purgatório

Denominação arcaica, usada para designar os níveis vibratórios mais densos da consciência emocional (ou astral).

Raça Ária

Uma das grandes raças que já surgiram sobre a Terra. As raças são estados de consciência que se refletem em formas físicas, e não elementos externos como os compreendemos normalmente. As duas primeiras raças deste ciclo de manifestação da Terra não eram físicas, mas sim etéricas. A terceira desenvolveu o instinto e chamou-se Raça Lemuriana. A quarta desenvolveu a emoção e foi denominada Raça Atlante. A quinta, que é a atual, desenvolve o aspecto mental da humanidade e é conhecida como Ária. As várias escolas filosóficas apresentam diversas denominações e esquemas para o quadro racial planetário (vide *DO IRREAL AO REAL*, *A QUINTA RAÇA* e *SEGREDOS DESVELADOS – Iberah e Anu Tea*, do mesmo autor, Irdin Editora.

Serviço

Atos, sentimentos ou pensamentos por meio dos quais flui a energia interna de um indivíduo. Quando essa energia superior está presente, o que acontece é considerado serviço.

Sub-raça

Segundo várias escolas de pensamento, cada raça subdivide-se em sub-raças, que são as suas sucessivas etapas de desenvolvimento.

Supraconsciência

Estado da alma e dos núcleos ainda mais profundos, libertos das tendências da personalidade. Mantém-se voltada para os níveis cósmicos da vida.

Livros de Trigueirinho

1987
- NOSSA VIDA NOS SONHOS
- A ENERGIA DOS RAIOS EM NOSSA VIDA

1988
- DO IRREAL AO REAL
- HORA DE CRESCER INTERIORMENTE – *O Mito de Hércules Hoje*
- A MORTE SEM MEDO E SEM CULPA
- CAMINHOS PARA A CURA INTERIOR

1989
- ERKS – *Mundo Interno*
- MIZ TLI TLAN – *Um Mundo que Desperta*
- AURORA – *Essência Cósmica Curadora*
- SINAIS DE CONTATO
- O NOVO COMEÇO DO MUNDO
- A QUINTA RAÇA
- PADRÕES DE CONDUTA PARA A NOVA HUMANIDADE
- NOVOS SINAIS DE CONTATO
- OS JARDINEIROS DO ESPAÇO

1990
- A BUSCA DA SÍNTESE
- A NAVE DE NOÉ
- TEMPO DE RETIRO E TEMPO DE VIGÍLIA

1991
- PORTAS DO COSMOS
- ENCONTRO INTERNO – *A Consciência-Nave*
- A HORA DO RESGATE
- O LIVRO DOS SINAIS
- MIRNA JAD – *Santuário Interior*
- AS CHAVES DE OURO

1992
- DAS LUTAS À PAZ
- A MORADA DOS ELÍSIOS (1992-1995)
- HORA DE CURAR – *A Existência Oculta*
- O RESSURGIMENTO DE FÁTIMA (*Lys*)
- HISTÓRIA ESCRITA NOS ESPELHOS – *Princípios de Comunicação Cósmica*
- PASSOS ATUAIS
- VIAGEM POR MUNDOS SUTIS
- SEGREDOS DESVELADOS – *Iberah e Anu Tea*
- A CRIAÇÃO – *Nos Caminhos da Energia*
- O MISTÉRIO DA CRUZ NA ATUAL TRANSIÇÃO PLANETÁRIA
- O NASCIMENTO DA HUMANIDADE FUTURA

1993
- AOS QUE DESPERTAM
- PAZ INTERNA EM TEMPOS CRÍTICOS
- A FORMAÇÃO DE CURADORES
- PROFECIAS AOS QUE NÃO TEMEM DIZER SIM
- A VOZ DE AMHAJ
- O VISITANTE – *O Caminho para Anu Tea*
- A CURA DA HUMANIDADE
- OS NÚMEROS E A VIDA – *Uma nova compreensão da simbologia oculta nos números*
- NISKALKAT – *Uma mensagem para os tempos de emergência*
- ENCONTROS COM A PAZ
- NOVOS ORÁCULOS
- UM NOVO IMPULSO ASTROLÓGICO

1994
- BASES DO MUNDO ARDENTE – *Indicações para contato com os mundos suprafísicos*
- CONTATOS COM UM MONASTÉRIO INTRATERRENO
- OS OCEANOS TÊM OUVIDOS
- A TRAJETÓRIA DO FOGO
- GLOSSÁRIO ESOTÉRICO

1995
- A LUZ DENTRO DE TI

1996
- PORTAL PARA UM REINO
- ALÉM DO CARMA

1997
- NÃO ESTAMOS SÓS
- VENTOS DO ESPÍRITO
- O ENCONTRO DO TEMPLO
- A PAZ EXISTE
- COLEÇÃO 21 LIVROS DE BOLSO

1998
- CAMINHO SEM SOMBRAS
- MENSAGENS PARA UMA VIDA DE HARMONIA

1999
- TOQUE DIVINO
- AROMAS DO ESPAÇO
- NOVA VIDA BATE À PORTA
- MAIS LUZ NO HORIZONTE
- O CAMPANÁRIO CÓSMICO
- NADA NOS FALTA
- SAGRADOS MISTÉRIOS
- ILHAS DE SALVAÇÃO

2003
- UM CHAMADO ESPECIAL *(publicado originalmente em inglês com o título CALLING HUMANITY)*

2004
- ÉS VIAJANTE CÓSMICO
- IMPULSOS
- PENSAMENTOS PARA TODO O ANO

2006
- TRABALHO ESPIRITUAL COM A MENTE

2009
- SINAIS DE BLAVATSKY – *Um inusitado encontro nos dias de hoje*

2012
- CONSCIÊNCIAS E HIERARQUIAS

2015
- MENSAGENS REUNIDAS
- MENSAGENS PARA SUA TRANSFORMAÇÃO

2017
- PÁGINAS DE AMOR E COMPREENSÃO

2018
- NOVOS TEMPOS, NOVA POSTURA

2019
- SELEÇÃO DE PENSAMENTOS *(4 volumes)*

2020
- VERSOS LIVRES

2021
- COLEÇÃO PEDAÇOS DE CÉU
  Aromas do Espaço / Nova Vida Bate à Porta / Mais Luz no Horizonte / O Campanário Cósmico / Nada nos Falta / Sagrados Mistérios / Ilhas de Salvação

2022
- COLEÇÃO SÍNTESES DE LUZ
  A Luz dentro de Ti / Portal para um Reino / Não Estamos Sós / Ventos do Espírito / O Encontro do Templo / A Paz Exisste / Caminho sem Sombras

Publicados pela IRDIN Editora, Carmo da Cachoeira/MG, Brasil

Alguns livros do autor estão sendo editados em outros idiomas pela Associação Irdin Editora, Carmo da Cachoeira/MG, Brasil

Associação Irdin Editora

ILUMINE SUA ALMA
AO RELER TRIGUEIRINHO!

Os livros de Trigueirinho estão sendo reeditados
com o selo da Irdin Editora.

Trigueirinho, como um notável instrutor,
discorreu sobre assuntos atemporais em seus livros.

Você poderá encontrar, nas entrelinhas,
importantes ensinamentos que lhe passaram
desapercebidos.

Não perca a oportunidade de lê-los novamente!

Sem finalidade lucrativa, a Irdin é mantida
por colaboradores voluntários.

Para mais informações, acesse:
www.irdin.org.br
www.trigueirinho.org.br

Nossa presença digital

WEBSITES:
https://www.trigueirinho.org.br
https://www.irdin.org.br (obras de Trigueirinho)

YOUTUBE:
https://www.youtube.com/trigueirinhooficial
No canal do Youtube temos: "Pensamentos do Dia" postados diariamente, às 7h; Vídeos inéditos às quartas (15h30); Vídeos em outros idiomas às sextas (15h30). Transmissões ao vivo aos domingos, às 20h.

FACEBOOK:
@TrigueirinhoOficial

INSTAGRAM:
@irdin_editora

TELEGRAM:
@trigueirinho
@trigueirinho_partilhas

SPOTIFY (Podcast)
Trigueirinho – Ensinamentos Filosófico-Espirituais

E-MAIL:
Entre em contato conosco através do e-mail:
trigueirinho@comunidadefigueira.org.br

Podemos ter uma compreensão inteligente das leis da morte e retirarmo-nos com tranquilidade da vida terrena ao chegar o momento. A personalidade pode deixar de ser obstáculo para que essa transição se mostre como a grande aventura que é.

Como conseguir isso?

Se tomarmos consciência do mundo interior, ficaremos mais livres do controle e das influências das forças materiais. Lúcidos em esferas sutis do universo e de nós mesmos, seremos capazes de contatos supramentais e de experiências além da imaginação.

Transcendidos estados de medo e culpa, a transição chamada morte revela-se nova oportunidade de evoluir, um passo a mais para reconhecer o que verdadeiramente somos.

Associação Irdin Editora
www.irdin.org.br

ISBN 978-65-88468-62-3